UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
(HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA)

AMANDA RODRIGUES FILHA

O campo e suas práticas de aprender e ensinar: construindo narrativas sobre o Grupo Escolar no município de Icaraí de Minas (MG) nos entornos da década de 1960

Belo Horizonte
(MG) 2020

AMANDA RODRIGUES FILHA

O campo e suas práticas de aprender e ensinar: construindo narrativas sobre o Grupo Escolar no município de Icaraí de Minas (MG) nos entornos da década de 1960

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, habilitação em Matemática, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes

Belo Horizonte

(MG) 2020

AMANDA RODRIGUES FILHA

O campo e suas práticas de aprender e ensinar: construindo narrativas sobre o Grupo Escolar no município de Icaraí de Minas (MG) nos entornos da década de 1960

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, habilitação em Matemática, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a conclusão do curso.

Aprovada em_____de_____de_____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes

(UFMG) Profa. Dra. Luiza Santos

Pontello (IFCE) Profa. Ms. Gleice A.

Moraes Lima (UFMG)

Dedico este trabalho a meus pais, que sempre lutaram pelo melhor de cada um de seus filhos; a meu filho, Murilo, que na sua inocência de criança soube compreender a minha ausência durante os TE's e TC's ao longo desses quatro anos na graduação; e ao MST e Movimentos Sociais do Campo que lutaram e lutam por esta educação que atende às especificidades do campesinato do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Sabedoria é a essência que rege a motivação, amor e conquista. A gratidão é a inspiração daqueles que torcem e acreditam em você. Deus é fiel.

(Aldeir Rodrigues da Silva Calvão)

Deus é fiel! Deus é fiel o tempo todo. E com essa certeza agradeço imensuravelmente a Ele pela fidelidade e realizações na minha vida! Sempre me guiando e me dando forças para passar pelas adversidades e desafios, especialmente em resistir à saudade e à distância de casa ao longo dos anos da graduação, na materialização desse meu sonho.

Aos meus pais, Manoel e Amanda, por todo o suporte que me deram ao longo de minha vida, em especial durante minha formação no LECAMPO, pela educação que me deram, pelos exemplos de lutas, paciência e dedicação. Tudo o que sou, o meu caráter, devo à educação que vocês me proporcionaram. Minha gratidão e respeito por tudo o que fizeram e fazem por mim com amor incondicional.

Ao Murilo, meu filho, que na sua inocência de criança soube compreender a minha ausência durante os Tempos Escola e Tempos Comunidade nesses quatro anos de formação. Seu amadurecimento e força me motivam sempre a ir à luta. Minha admiração e respeito pelo pequeno grande homem que você se tornou.

Aos meus irmãos, José Geraldo, Maria Alda (sempre presente), Jonas, Aldeir, Maria da Conceição, Romeu, Luzia, Lucilene, Mauro, Claudiana, Daiane e Anne Karoline (com quem eu divido o posto de filha caçula), pela positividade, pelo incentivo e pelas contribuições na minha educação, quando, na ausência de nossos pais que buscavam prover o sustento familiar, vocês eram incumbidos dos cuidados gerais com nós, mais novos.

Ao Filipe Santos Fernandes, professor e coordenador de área na LECAMPO, habilitação em Matemática, por ter aceitado construir comigo este trabalho, orientando-me os caminhos da pesquisa, motivando-me e impulsionando-me, na vida acadêmica e para além dela, neste momento final da graduação; à Álida Angélica Alves Leal, professora na LECAMPO, habilitação em Ciências Sociais e Humanidades, por todo aprendizado e amadurecimento pessoal e coletivo

proporcionado, especialmente na realização da XI Jornada Socioterritorial do LECAMPO/FaE/UFMG em Icaraí de Minas (MG), no ano 2018, por meio dos quais estendo meu agradecimento aos Mestres, Doutores e Monitores que perpassaram nesses quatro anos na LECAMPO, de modo especial aos da Habilitação em Matemática, que magistralmente, no exercício da docência, assumiram a luta da Educação do Campo, valorizando os saberes e fazeres dos povos do campo, dialogando-os com conhecimentos teóricos da academia, promovendo uma educação diferenciada, humana, crítica e reflexiva.

À Coordenação da LECAMPO/FaE/UFMG, juntamente com as representações dos Movimentos Sociais do Campo, que desde as primeiras turmas da LECAMPO não mediram esforços na luta pela manutenção e permanência do curso na Universidade, das realizações dos Tempos Escola e Comunidade e promoção das idas e vindas e zelo dos licenciandos. Por meio deste, estendo agradecimentos aos funcionários da secretaria do LECAMPO e de outros setores da FaE/UFMG, que nesse tempo da graduação não mediram esforços para atender as questões que lhes fora demandado.

Aos professores Eliete, Inéia Markisa e José Reinaldo, por meio dos quais estendo meu agradecimento a todos aqueles que compõem o corpo docente e discente da Escola Estadual José Bernardino, que potencializaram meus conhecimentos e experiências em sala de aula nos estágios e atividades diversas realizadas na escola e muito contribuíram para a minha formação desde a Educação Básica até aqui.

Ao MST e aos Movimentos Sociais e Sindicais do Campo que lutaram e lutam pela Educação do Campo, por essa educação que atende e valoriza as especificidades do campesinato do Brasil, contribuindo para despertar uma consciência política, social e coletiva, por meio dos quais estendo meu obrigada a cada um que contribuiu e me apoiou, direta e indiretamente com palavras e ações afirmativas ao longo do meu processo formativo.

Aos colegas da LECAMPO, Eliziara, Dener, Lucina e Suzana, pela parceria, cuidado e apoio, contribuindo para vencer as tribulações passadas durante esse percurso, através dos quais estendo meu agradecimento a cada colega das habilitações da LECAMPO, de modo especial aos da turma da Matemática Vilarejo e aos vínculos estabelecidos com os colegas de Moradia Estudantil, especialmente com a Família 301/04/MOPIII e seus agregados, pela receptividade e cuidados no

TE 2020/1, compartilhando o seu dia-a-dia e suas lutas; também aos lecampinos Icaraiminenses pela organização, coletividade, cuidado, paciência, parceria e diversão nas idas e vindas à Belo Horizonte (MG) e às cidades de Ouro Verde (MG), Icaraí de Minas (MG) e Novo Cruzeiro (MG), que tive a oportunidade de visitar durante a realização das Jornadas Socioterritoriais.

Agradeço imensamente o apoio de cada um de vocês, que não me faltaram com suas amizades nos momentos difíceis dessa caminhada, por cada momento vivenciado, pelas experiências e conhecimentos compartilhados, pois sozinha eu não conseguiria alcançar a materialidade desse sonho.

Ó Deus ouve a minha oração,
inclina os teus ouvidos às palavras da minha boca.

Oh! Deus!
Não quero permanecer no que sou, mas naquilo que resolvi ser!
Ajude-me nesta tarefa.

Escrito presente no Caderno de Planos de Aula de Nair Santos Almeida, colaboradora da pesquisa, 1987

RESUMO

Este trabalho objetiva construir narrativas sobre o Grupo Escolar do município de Icaraí de Minas (MG) nos entornos da década de 1960, destacando a trajetória profissional de professoras do primário e suas práticas pedagógicas na tentativa de registrar uma história do Grupo Escolar. Buscamos também compreender os motivos que levaram essas mulheres a se tornarem professoras em seu município, bem como identificar e descrever as práticas pedagógicas adotadas no Grupo Escolar. Em termos teóricos, foram realizados levantamentos bibliográficos que discutem como as políticas acerca dos Grupos Escolares foram consolidadas a partir da política educacional republicana. A metodologia utilizada é História Oral e o material empírico foi produzido a partir de entrevistas com duas professoras que atuaram no Grupo Escolar, um ex-aluno e outro colaborador que participou do processo histórico de emancipação política do distrito Conceição da Vargem, posteriormente Icaraí de Minas. Espera-se com este trabalho contribuir com a valorização do papel social dos moradores do município, que estiveram envolvidos com a educação escolar na década de 1960 e seus entornos; indicar práticas de aprender e ensinar (matemática) presentes no Grupo Escolar; dar visibilidade à história regional, valorizando o percurso histórico do município disponibilizando documentos que possam servir para futuros estudos e fazer ouvir esse processo histórico, especialmente no âmbito da educação escolar, perpassando as gerações do passado, presente e futuro a partir das vozes de sujeitos diretamente envolvidos nesse percurso.

Palavras-chave: Grupo Escolar. Práticas Pedagógicas. Formação de professor. Registro e memória. Educação do Campo. História Oral.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Participação dos colaboradores desta pesquisa no desfile em homenagem ao 50 anos da E.E.J.B no ano 2015 24
Figura 2 - Colaboradores e servidores da E.E.J.B já aposentados no desfile no ano 2015. . 24
Figura 3 - Localização de Icaraí de Minas em Minas Gerais..... 30
Figura 4 - Entrada da sede do Município de Icaraí de Minas (MG) 31
Figura 5 - Diploma de conclusão do Terceiro ano Primario de Nair Alves dos Santos, moradora da área rural do Distrito Conceição da Vargem. 53
Figura 7 - Caderno de Avaliação, pag.1/4. 54
Figura 6 - Caderno de Avaliação, pag.2/4. 54
Figura 8 - Caderno de Avaliação, pag.3/4. 54
Figura 9 - Caderno de Avaliação, pag.4/4. 55
Figura 10 - Desfile Cívico na década de 1970 56
Figura 11 - Limite geográfico do Distrito Conceição da Vargem 57
Figura 12 - Principais rios quando o território ainda pertencia ao municipio de São Francisco (MG)..... 58
Figura 13 - Localização do Distrito em Minas Gerais 58
Figura 14 - Certificado de aprovação no curso primário da Colaboradora Nair (Nazinha). .. 60
Figura 15 - Certificado de Curso para "professores rurais" _1/2 61
Figura 16 - Certificado de Curso para "professores rurais" _2/2 62

Sumário

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO 11
1.1 MEMORIAL: ALGUMAS LEMBRANÇAS 11
1.2 Objetivos.....17
Objetivo Geral 17
Objetivos específicos.....17
CAPÍTULO 2. MOBILIZAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: A HISTÓRIA ORAL ...19
2.1 História Oral em Educação Matemática.....19
2.2 O contato com os colaboradores.....20
2.3 Procedimentos metodológicos: a construção do material empírico.....25
CAPÍTULO 3. CONTEXTO DA PESQUISA 28
3.1 Informações sobre os Grupos Escolares no Brasil e em Minas Gerais.....28
3.2 Formação histórica da comunidade.....29
CAPÍTULO 4. AS TEXTUALIZAÇÕES: VOZES DE UMA HISTÓRIA.....33
4.1. João Naves de Melo.....33
4.2. Genaro João de Almeida 38
4.3. Nair Santos Almeida.....43
4.4. Rita Rosa Magalhães 46
4.5. Recortes de características do Grupo Escolar.....51
4.6. Outros achados da pesquisa.....52
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: OBSERVANDO ESTE MOMENTO NO MEU PROCESSO FORMATIVO 59
REFERÊNCIAS.....65
APÊNDICE - Roteiro para a entrevista 67
ANEXOS.....68
Anexo 1 – Termo de Cessão de Direitos.....68
Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE 69

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO

1.1 MEMORIAL: ALGUMAS LEMBRANÇAS

O contexto familiar, vivências no campo e na escola

Sou filha de agricultores familiares. Nasci e me criei com os meus pais, na cidade Icaraí de Minas, localizada ao norte de Minas Gerais. Meus pais tiveram treze filhos. Desde pequena, nos momentos de conversa no círculo de minha família de origem, meus pais relatam seus percursos de vida e trabalho. Eles não possuíam um local próprio para trabalhar a terra, para plantar, viviam de fazenda em fazenda e geralmente pegavam as carvoeiras para tomar conta. Foram em média 25 anos nessa atividade e ao mesmo tempo, o proprietário cedia um pedaço de terra para "meiar[1]" as plantações de mandioca e feijão. Foi assim que meus pais nos criaram.

Sendo eu a filha mais nova, não senti "na pele" o que meus irmãos mais velhos passaram junto com nossos pais. Meu pai sempre fala: *"cês mais novo pegou tempo melhor, cê que vê tempo duro foi na épuca de Zé Gê, Maria Alda, Joanim e dos ôtos mais velho que ucê".* Realmente, vivenciei essas dificuldades com menor intensidade que meus outros irmãos. Meus pais nos educaram por meio do trabalho, porém não tive que caminhar quilômetros para estudar ou faltar aula para ajudá-los na labuta, nem mesmo abandonar a escola, como aconteceu com meus pais e com alguns dos meus irmãos mais velhos.

Antes da idade escolar eu ficava com meus pais na carvoeira, onde eles trabalhavam e, a partir de minha idade escolar, para frequentar a escola, eu passava a semana na cidade sob cuidados dos irmãos mais velhos.

Minha trajetória escolar começou aos cinco anos de idade, na Escola Estadual José Bernardino, localizada na sede do município de Icaraí de Minas. Lembro-me vagamente de quando comecei a estudar. Lembro-me que à epoca alfabetização inicial era chamada de "Pré de 5" e "Pré de 6", acredito que fazendo referência à idade que a criança deveria se matricular em uma escola. Nesses primeiros anos, as aulas eram ministradas por uma única professora que já introduzia alguns

[1] "Meiar" é o mesmo que mear, partir ao meio. A renda da produção da colheita da lavoura era dividida ao meio com o proprietário que cedia a terra para plantar.

assuntos sobre matemática, como formas geométricas, contar até cinco, depois até dez, utilizava músicas para ensinar, algumas brincadeiras e peças feitas com madeira.

Dos anos seguintes não consigo me lembrar de todos os professores que tive na escola, mas me recordo de uma professora que tive na sexta série do Ensino Fundamental, atual sétimo ano. A professora Rose ensinava matemática, na minha concepção, de um modo fácil. Eu tinha facilidade em aprender os conteúdos e estava fascinada com as aulas dela, mas tinha um problema: eu não tinha noção de onde eu iria usar cálculos de polinômio e vários outros temas daquela matemática!

Meus pais procuravam saber como havia sido na escola e, sempre que podia, quando chegava com tarefas com operações simples, meu pai fazia as contas de cabeça, até tirava a prova dos “nove fora” – até hoje não entendo muito bem como funciona esse método para ele. Ele sempre exclamava: *“é, no tempo que era pra mim estudar Mandinha, minha escola era no cabo da enxada pra nós num passar fome, eu sou analfabeto mais na conta quero ver ocê ganhar de mim”*; e no final sempre aproveitava pra dar uma bronca dizendo pra aproveitar, porque no tempo dele as coisas não eram fáceis.

Passaram-se os anos e, apesar de os outros professores que passaram nos anos seguintes não me prenderem a atenção tanto quanto em uma aula tão boa quanto às da professora Rose, não tinha jeito: eu já me envolvia bastante com matemática. E este interesse foi reafirmado quando, no 1º ano do Ensino Médio, tive aulas com a professora Eneide, que prendia qualquer aluno com o seu jeito dinâmico de ministrar as suas aulas e mais tarde com o professor Rone e outros da área de matemática nos anos finais na Educação Básica.

Apesar do que eu aprendia da matéria, durante quase toda a minha trajetória escolar eu não pude saber se usaria esse conhecimento em outra coisa além do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), de vestibulares, em cursos de graduação de Matemática, Engenharia e outros que eu escutava dizer que envolviam muito matemática, ou em concursos públicos, já que, para mim, nas situações mais comuns do meu cotidiano eu utilizava apenas cálculos de soma, multiplicação, divisão e subtração que aprendi mesmo antes do meu ingresso na escola, com o meu pai e meus irmãos.

O tempo todo, em suas atividades laborais, ele usava termos que para mim

eram de difícil compreensão, pois não sabia por que ele calculava daquela maneira estranha, afinal, na escola me ensinavam outra coisa...

Quando íamos para a roça percebia que na hora de plantar ele falava a quantidade de milho pra colocar na matraca em *litros*, e as contas dele davam exatamente para plantar a área demarcada. Além disso, media a distância que deveria ficar uma semente da outra no *passo*, de modo que, quem observava de longe, via a sintonia do passo dele e da batida da matraca. Na época que ia fazer farinha, quando ia medir a quantidade, ele falava que a mandioca *rendeu tantas quartas de farinha* (o que segundo meu pai será o equivalente a 1,5 kg) e, para dizer a verdade, até hoje eu não sei fazer essa conta e muito menos medir a farinha nessa unidade de medida tão rápido como ele faz. Julgo ser bem mais prático ensacar a farinha e pesar em uma balança, o que para ele já causaria um estranhamento, pois nunca mediu farinha em peso. Ele também conta sobre as cercas: até hoje a maioria dos cerqueiros medem a distância de um lance de cerca no passo e a distância no esticador é a medida de quatro cabos de um machado.

Meu pai trabalhou 25 anos como carvoeiro para proprietários da região onde moramos. Quando eu era pequena, ficava sem compreender como seria *o metro de carvão* que ele tanto dizia, já que o carvão sai do forno em pedaços, daí ele explicava que um metro correspondia a 6 sacas de carvão.

Cresci em contato direto com as atividades no campo e com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de minha cidade, e desde mais nova ia junto com minha mãe para as reuniões que aconteciam no Sindicato. A partir do ano 2006, o meu contato com o meio rural e a diversidade dos campos de minha cidade ganhou novos elementos por intermédio do movimento sindical, pois nesse ano comecei a trabalhar no Sindicato e a minha relação com o campo agrega outros conhecimentos que foram adquiridos neste ambiente de trabalho, com o contato com o público alvo que o Sindicato atende e nas oportunidades de ir às reuniões de trabalho de base realizadas nas comunidades. Ainda trabalho na entidade e as negociações com a Diretoria do sindicato foram cruciais para eu ter conseguido permanecer no curso.

O percurso na licenciatura em Educação do Campo (LECAMPO)

> *Então o camponês descobre que, tendo sido capaz de transformar a terra, ele é capaz também de transformar a cultura, renasce não mais como objeto dela, mas também como sujeito da história.* (Paulo Freire)

A semente do desejo de cursar essa graduação foi cultivada em 2007, na primeira reunião de formação que participei quando comecei a trabalhar no Sindicato dos Trabalhadores Rurais da minha cidade. Essa reunião aconteceu na sede do polo regional norte da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais (FETAEMG), nesta ocasião um de seus diretores, Arimar (*in memorian*), conhecido por Mazim (in memória), durante o intervalo de almoço comentou sobre esse curso, ainda com uma turma piloto no campus da UFMG em Belo Horizonte e sobre a organização dos movimentos para possibilitar o processo para novas turmas. Desde então, acompanhava sobre a luta contra os retrocessos dessa conquista e permanência de sua oferta pela UFMG. A partir de 2012, por intermédio do sindicato que recebia cartas do polo regional norte da FETAEMG, acompanhei com mais atenção sobre o seu processo seletivo.

A LECAMPO é um curso que foi idealizado pelos movimentos sociais organizados do campo, principalmente pelo MST, na luta pelo acesso do campesinato ao ensino superior. É um curso presencial ofertado pela UFMG, campus Belo Horizonte. O vestibular para a LECAMPO é ofertado anualmente com alternância das habilitações ofertadas para o curso. As aulas são presenciais nos meses de janeiro/fevereiro e julho/agosto, com carga horária de 300 horas por semestre, obedecendo os pilares da Pedagogia da Alternância, ou seja, é realizado em períodos de alternância, dividido em dois tempos: o Tempo Escola (TE), quando os estudantes se deslocam de suas comunidades de origem para um período que dura, em média, de 4 a 5 semanas de estudos intenso na universidade. Nos meses julho/agosto e janeiro/fevereiro de cada ano, onde aprendemos o conhecimento teórico da academia; e o Tempo Comunidade (TC) que compreende os outros meses do ano, no qual realiza-se um encontro no campus, no primeiro semestre do ano, geralmente no mês de maio e no segundo semestre a participação no Projeto de Formação em Extensão Universitária, com os grupos de trabalho na Jornada Pedagógica Socioterritorial que acontecem nas cidades de moradia e/ou trabalho

dos estudantes com locais e datas a ser decidido em votação nas assembleias de organicidade com os mesmos e ainda o desenvolvimento dos trabalhos das disciplinas cursadas no semestre.

Outra característica marcante que define a LECAMPO é a organicidade como auto-gestão do curso. Nesse processo de organicidade, os estudantes se dividem em Grupos de Trabalhos (GT's) de acordo com as demandas surgidas ao longo do TE e do TC sugerindo ainda temáticas para aprofundamento de estudos na Educação do Campo. Com este movimento, o TC pauta o TE e o TE pauta o TC e assim promove-se um diálogo dos saberes e fazeres do campesinato com o conhecimento teórico da universidade.

A LECAMPO oferece habilitação para quatro áreas do conhecimento: Matemática, Ciências Sociais e Humanidade (CSH), Ciências da Vida e da Natureza (CVN) e Línguas, Artes e Literatura (LAL). A cada ano do seu vestibular, é ofertada apenas uma de suas habilitações. Em 2015, fiz a inscrição para as provas do ENEM e para o vestibular da Licenciatura em Educação do Campo (LECAMPO), pois naquele ano a oferta era para habilitação em Matemática e ao longo de meu percurso escolar sempre me identifiquei com a área de exatas. A surpresa veio quando foi divulgada a lista de classificação para a segunda chamada do vestibular e o meu nome estava lá! Então, comecei um processo de negociação com a minha família, esposo, filho, depois no trabalho e foi tudo muito rápido, eu tive apenas seis dias para resolver tudo. Apesar de todas as tensões que antecederam minha matrícula no curso, permanecia em mim a euforia de acessar um curso viabilizado pelos movimentos sociais e ainda estudar na tão falada Universidade Federal de Minas Gerais.

Em julho de 2016, quando ingressei na LECAMPO, para habilitação em Matemática, a turma foi recebida na FaE pelos estudantes da habilitação em CSH com uma *Mística*[2] para dar as boas-vindas aquele universo e apadrinhamento dos calouros. Logo na chegada, fui preenchida: a certeza de que era exatamente ali que eu queria estar, que aquele era o meu lugar. Melhorei minhas compreensões a partir do momento que os professores no início do curso, e ao longo dele, falaram que

[2] Segundo Fernandes (2019, p. 37), a mística é um "ato simbólico e performático organizado pelos alunos e que, tendo como origem os movimentos sociais, visa contribuir com o processo formativo em um sentido crítico e atento às diferentes lutas que afirmam a educação e a vida campesina".

iríamos aprender outro tipo de matemática, uma matemática que valoriza a identidade dos sujeitos do campo, e também questões ligadas às possibilidades do ensino dessa matemática na escola. Nem imaginava como seria e que ia ser tão impactante para mim. Foi quando fez mais sentido a história de vida do meu pai e admirei-o ainda mais, pois aquele saber e fazer que eu identificava em suas práticas de trabalho, que ele me passava na hora de fazer comigo as tarefas da escola, nos causos que saía nas rodas de conversa e em várias outras situações recebiam, na universidade, um nome e eram valorizados: conheci a *Etnomatemática*.

Agora, com maiores compreensões sobre etnomatemática, como licencianda da LECAMPO e futura professora, percebo que devemos valorizar dentro do ambiente escolar a identidade cultural do aluno, reconhecer e valorizar os saberes e fazeres associados à matemática que os sujeitos trazem consigo possibilitando melhores compreensões sobre o ensino de matemática.

Estar na LECAMPO possibilitou-me um olhar mais reflexivo sobre as pessoas que me cercam, sobre suas práticas, reafirmou o orgulho que eu já trazia comigo de minha origem e da criação que meus pais e irmãos me proporcionaram e ainda afirmação da minha consciência política, social e coletiva. Essa permanência no campo e o convívio com os moradores de minha comunidade e dos causos de alguns associados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Icaraí de Minas me trouxeram questionamentos sobre como foi a formação desse morador que tinha a função de ser professor, no período de existência do grupo escolar na sede do município de Icaraí de Minas, como era o seu planejamento e sua prática pedagógica e os aspectos do grupo escolar tão presente nas memórias de uma determinada faixa etária da comunidade.

O encontro com o tema de pesquisa

Ao longo de minha vida sempre escutei nas narrativas do meu pai relatos sobre quem foi sua professora, como era a escola na época dele e sobre suas dificuldades em poder frequentá-la. Segundo seus relatos, ele ia à escola (geralmente instalada na casa da professora) apenas 1 ou 2 dias na semana, isso em tempos onde a condição social da família praticamente impunha que a escola era necessária apenas até aprender escrever o nome. Apesar da pouca escolaridade, sempre que podia, meu pai me ajudava com a tarefa de Matemática,

pois em cálculos com as operações simples ele é muito bom. Daí já aproveitava para dar um sermão, ele exclamava: "*é, no tempo que era pra mim estudar Mandinha, minha escola era no cabo da enxada pra nós num passar fome, eu sou analfabeto mais na conta quero ver ocê ganhar de mim*", dizendo pra aproveitar porque no tempo dele as coisas não eram fáceis. Já alguns dos meus irmãos e outros moradores da cidade narram sobre sua passagem no grupo escolar que funcionou no município na década de 1960, que era muito bom frequentar o grupo e sempre exaltando a professora que ensinou a ler e escrever. Observa-se em vários dos relatos que ouvi que, apesar da pouca escolaridade, esses educadores que lecionaram no grupo desempenharam um importante papel na vida desses alunos.

O percurso escolar de meu pai, meu percurso no curso da LECAMPO, elencando a disciplina Formação da Sociedade Brasileira (TE de 2016/2), onde se pesquisou sobre a formação da comunidade, apesar dos poucos registros encontrados, durante a socialização da disciplina Pesquisa em Educação Matemática do Campo I (TE 2019/1) e meu trabalho dentro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Icaraí de Minas, foram fatores determinantes para escolha deste tema. Espera-se com este trabalho contribuir para valorização da história local e do papel social dos moradores do município que proveram para o aprendizado escolar nos entornos da década de 1960 e ainda compreender que dar visibilidade a história regional poderá contribuir para valorização do percurso histórico do município, com documentos que possam servir para futuros estudos.

1.2 Objetivos

Objetivo Geral

Construir narrativas sobre as práticas de ensinar e aprender no Grupo Escolar de Icaraí de Minas (MG), nos entornos da década de 1960.

Objetivos específicos

- Produzir fontes históricas orais sobre o Grupo Escolar de Icaraí de

Minas a partir das memórias de sujeitos da comunidade;

- Registrar uma história do grupo escolar a partir do relato de duas professoras, de um ex-aluno e de documentos escritos;
- Identificar e descrever as práticas pedagógicas adotadas no Grupo Escolar, particularmente aquelas ligadas ao ensino de Matemática.

CAPÍTULO 2. MOBILIZAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: A HISTÓRIA ORAL

2.1 História Oral em Educação Matemática

A história oral é uma metodologia de pesquisa qualitativa com a qual é possibilitado o registro de fontes orais a partir da narrativa das memórias, histórias e vivências dos colaboradores, diretamente envolvidos no contexto que se pretende conhecer. Desse modo, como metodologia, segundo Souza e Andrade (2020), a história oral "permite uma abordagem para criar fontes a partir da oralidade e registrar essas narrativas orais por meio da escrita", valorizando os colaboradores como protagonistas da história e de sua legitimação. A partir das compreensões de Garnica e Souza,

> Como história oral, entendemos a perspectiva – essencialmente híbrida e multifacetada – de, diante da impossibilidade de constituir fontes que recriem "a" história, registrar algumas das várias versões possíveis, aos olhos de atores sociais que vivenciaram certos contextos e situações, considerando como elementos essenciais nesse processo as memórias desses atores – via de regra negligenciados pelas abordagens oficiais – sem desprestigiar, no entanto, os dados "oficiais", sem negar a importância das fontes escritas primárias, dos arquivos, dos monumentos, dos tantos registros possíveis, os quais consideramos uma outra versão, outra face dos "fatos" (GARNICA; SOUZA, 2012, p. 95-96).

O uso da história oral como metodologia em Educação Matemática segundo Garnica e Souza (2012),

> Para nós, a história oral é metodologia de pesquisa que envolve a criação de fontes a partir da oralidade e compromete-se com análises coerentes e sua fundamentação (que pode envolver ou não procedimentos usados em outros tipos de pesquisa). O diferencial é essa "criação intencional" de fontes a partir da oralidade e a fundamentação que se estrutura para essa ação. Essa mesma fundamentação orienta, inclusive, práticas de análise na pesquisa. Assim, nossos pressupostos indicam, sim, como construir fontes, mas também por que construí-las e como valer-se delas. Indicam, ainda, questões geradoras de pesquisa e abordagens de análise (GARNICA; SOUZA, 2012, p. 97).

Bem como nas outras áreas de conhecimento que adotam essa metodologia, sendo mais comum o seu uso nas Ciências Humanas, na Educação Matemática a história oral também preocupa-se em registrar outras versões da história, que não são contadas em registros escritos, viabilizando entender e registrar as mudanças e vivências no ensino de matemática no passado quando o direito e acesso à escola tornou-se público e na atualidade.

Pela ausência de fontes escritas sobre o passado histórico de minha comunidade, foi fundamental mobilizar a história oral para esta pesquisa, de modo a contar uma história do passado da educação no início da constituição do meu município e em sua evolução. Documentar uma história a partir da oralidade implica mobilizar também colaboradores que participaram e vivenciaram o contexto em que se ancora esta pesquisa, a fim de contribuir com uma investigação histórica, especialmente no âmbito da educação. Proporcionar às gerações do passado, presente e futuro conhecer a história local pelas vozes desses colaboradores, que atuaram diretamente no Grupo Escolar e acompanharam o processo de evolução da escola em minha cidade.

Esse processo envolveu a elaboração de um roteiro para o dia da entrevista (Apêndice), o contato com os colaboradores, o momento da entrevista, a disponibilidade de recurso tecnológico para gravar as entrevistas, transcrever, textualizar e, ainda, o consentimento dos colaboradores para o direito de divulgação, legitimando suas narrativas uma vez que as mesmas constituem o material empírico deste estudo.

2.2 O contato com os colaboradores

Quanto aos colaboradores desta pesquisa, posso dizer que eu já os conhecia e sabia do envolvimento de cada um deles com o Grupo Escolar por meio de relatos de vários moradores da cidade, que saudosamente contam sobre suas primeiras professoras. Assim, tive contato com duas professoras e um ex-aluno. O outro colaborador foi convidado posteriormente durante a busca de fontes escritas sobre o passado da educação quando a cidade ainda era distrito do município de São Francisco. Foram escolhidos por estarem diretamente envolvidos no contexto do Grupo Escolar e no processo de formação histórica de Icaraí de Minas.

Foi realizada uma visita à Biblioteca Pública Municipal de São Francisco (MG) em 28 de agosto de 2019, em busca por trabalhos que focassem a história de constituição dos distritos pertencentes a este município, especificamente registros sobre o distrito Conceição da Vargem, a fim de entender e registrar sobre o passado da educação no Grupo Escolar, contexto desta pesquisa. A bibliotecária localizou alguns livros sobre o município de São Francisco (MG), já sinalizando que o trabalho que tinha um pouco sobre o assunto era o de Braz (1977), mas que ela poderia indicar uma pessoa no município que faz pesquisas sobre o passado local e que possivelmente poderia contribuir melhor. Conversamos e, depois de conferir o material, a bibliotecária disse que a pessoa com a qual eu poderia obter mais alguma informação era o senhor João Naves, que trabalhou muito tempo como professor e também em setores da administração pública municipal. A própria bibliotecária se ofereceu para me levar até o local onde eu poderia encontrá-lo, em um escritório de advocacia.

Tratava-se do Sr. João Naves de Melo, professor, advogado e escritor. Apresentei-me a ele, o que eu buscava, conversamos e ele me contou brevemente sobre o seu papel desempenhado em cada uma das funções que exerceu. Após relatar seu percurso como professor e pela proximidade dita por ele com o processo de municipalização do distrito de Conceição da Vargem, percebi que ele poderia dar contribuições significativas. Naquele momento, decidi propor a ele se aceitaria colaborar com suas memórias na minha pesquisa. Ele não hesitou, demonstrando-se agradecido em poder contribuir. Marcamos uma nova conversa para o dia 02 de setembro de 2019, que seria gravada para futura análise.

Essa nova conversa aconteceu em seu escritório de advocacia, em São Francisco (MG). A conversa foi gravada e teve duração de 00:25:28h. Chamou-me atenção, aparecer, em seu relato, um dos colaboradores que já iria participar desta pesquisa antes do Sr. João Naves ser definido como colaborador e também a referência. Em seus primeiros minutos de fala, ele traz sobre o que levou as colaboradoras desta pesquisa a se tornarem professoras, quando relembra o lema da Escola Caio Martins: *“até porque o lema da escola era transformar o meio através da criança. E isso funcionou com quem? Com as meninas, porque passaram a ser as professoras nos lugares onde não tinha escola”*.

O colaborador Sr. Genaro João de Almeida tem 72 anos de idade, aposentado, natural do interior do município de Monsenhor Tabosa (CE) e residente

no município de Icaraí de Minas (MG) desde o ano de 1958. Marcamos cinco vezes a conversa, que não aconteceram por outros compromissos pessoais, e sempre remarcamos, respeitando a dinâmica de sua vida e seus compromissos. Foi possível fazermos a entrevista no dia 25 de novembro de 2019. A conversa foi gravada, teve duração de 00:20:39h, e aconteceu na casa do colaborador.

A escolha para este colaborador deu-se por motivo de que para comtemplar os objetivos desta pesquisa era relevante a participação de um ex-aluno do grupo escolar para que pudéssemos estudá-lo por uma perspectiva diferente do olhar das professoras. O senhor Genaro foi aluno no grupo escolar e, mais tarde, quando o grupo se tornou pré-escola, foi professor e também diretor. Em sua narrativa, chamou-me atenção o momento em que ele diz: "*Na tabuada eu batia, no português eu apanhava"*, seguido de um relato de como o "dia do argumento", uma das práticas do grupo escolar, da tabuada e de leitura, era visto pelos colegas. Nota-se em sua fala uma cobrança maior de ser bom em matemática. Em outro momento da entrevista, chama-me atenção o modo como o grupo escolar da cidade se implicava na separação de gênero pelo processo de escolarização da época, quando relata *"[...] além das aulas teóricas, a gente tinha as aulas práticas. Aprendia a lidar com serviços de horticultura, pedreiro, carpinteiro, marceneiro, sapateiro, mecânico essas coisas assim. E para as meninas ensinavam bordar, cozinhar e outras coisas mais que as menina aprendem*".

A colaboradora Sra. Nair dos Santos Almeida tem 77 anos, aposentada, natural de Icaraí de Minas (MG), à época Conceição da Vargem, distrito de São Francisco. A escolha e convite desta colaboradora se deu por ter sido uma das professoras no grupo escolar. Segundo seus relatos e de outros moradores, o grupo, quando de sua criação no então distrito Conceição da Vargem, funcionou por um período na casa de sua família. Marcamos e nos encontramos por quatro vezes antes do dia em que gravamos a entrevista. Nesses encontros, conversamos bastante sobre a pesquisa, contou-me muito sobre seu percurso enquanto professora e moradora participativa de grupos religiosos, da vida em comunidade e na escola. Marcamos novamente a conversa para o dia 14 de dezembro de 2019. Neste dia, a colaboradora sentiu-se à vontade para gravarmos a conversa. Essa conversa registrada teve a duração de 00:12:15h. Desse registro, neste momento, destaco sua fala: *"O Grupo Escolar foi muito importante porque deu acesso às crianças que não podiam sair pra fora para continuar os seus estudos"*;

evidenciando o quão era necessário a criação do grupo aqui, a importância e o papel social desempenhado pela escola para o processo de melhorias educacionais do distrito Conceição da Vargem.

A colaboradora Sra. Rita Rosa Magalhães tem 73 anos e é natural da comunidade rural Riacho Grande, no município de Ubaí (MG). Seus pais vieram morar em Icaraí de Minas (MG) quando ela tinha 4 anos de idade, à época, Conceição da Vargem, Distrito do município de Icaraí de Minas (MG). Fiz o convite a essa colaboradora por ter sido professora. Atualmente desempenha papéis importantes de representação religiosa na comunidade. Tivemos algumas conversas por telefone e dois encontros. No segundo encontro, em 3 de janeiro de 2020, gravamos o seu relato. Essa conversa registrada teve a duração de 00:27:03h. Destaco, neste momento, sua fala *"Iam à frente alunos de dois em dois que respondia a tabuada. O que respondia certo a tabuada a professora determinava o número de palmadas na mão para o aluno bater no outro que errou! Chamava na época "bolos", né? Palmadas na mão com a palmatória de madeira com um buraco no meio. Isso deixava a gente bastante triste. Na época, a gente achava, não sabia nem assim se era certo, mas hoje pra gente, eu acho que é muito injusto isso, né? Isso não é certo. Não, não é uma coisa certa!"* Percebe-se pela fala que o uso de castigo físico, como a palmatória, era presente nos métodos do grupo escolar, principalmente nas aulas de matemática.

O convite aos colaboradores envolvidos nesta pesquisa também foi movido porque, apesar de aposentados, eles participam da vida escolar na sede do município, não perdendo seus vínculos com a escola. Sempre dispostos, prontos e presentes em várias ações da escola e da comunidade, parecem dispostos a manter viva a história e a memória do nosso lugar…

Figura 1 - Participação dos colaboradores desta pesquisa no desfile em homenagem ao 50 anos da E.E.J.B no ano 2015

Em pé (da esquerda para a direita): Eva, Genaro (colaborador desta pesquisa), Selvina e José Reinaldo. Sentado (da esquerda para a direita): Nenza, Nair (Nazinha, colaboradora desta pesquisa), Rita Rosa (Ritinha, colaboradora desta pesquisa), Maria Joana e Aldívia.

Fonte: Arquivo pessoal do Facebook de José Reinaldo, atual diretor da E.E.J.B.

Figura 2 - Colaboradores e servidores da E.E.J.B já aposentados no desfile no ano 2015.

Em pé: (da esquerda para a direita): Selvina, Nenza, Maria Helene, Aldívia, Maria Idalina, Maria Joana, Maria Selma, Vanda, Lia, Rita Rosa (Ritinha, colaboradora desta pesquisa), Nair (Nazinha, colaboradora desta pesquisa), Terezinha. Abaixado (da esquerda para a direita): Antonio Geraldo, Wesley, Genaro (colaborador desta pesquisa), Josenildo, Eva e José Reinaldo.

Fonte: Acervo Pessoal do Facebook de Inéia Markisa, atual vice-diretora da E.E.J.B.

2.3 Procedimentos metodológicos: a construção do material empírico

Segundo Garnica e Souza, a história oral trata de abordar um acontecimento social no qual “o sujeito, que se constitui a si próprio no exercício de narrar-se, explica-se e dá indícios para compreender o contexto no qual está se constituindo (GARNICA; SOUZA, 2012, p.95). Nesse, sentido foi necessário o planejamento de cada etapa que pauta a pesquisa por meio de história oral. Os colaboradores que contribuíram para este estudo foram pensados e escolhidos por seu envolvimento com o grupo escolar nas primeiras décadas da presença da escola no distrito Conceição da Vargem e também por ainda manterem vínculo com as atividades da escola na atualidade.

Após a escolha dos colaboradores e suas disponibilidades para participação nesta pesquisa, elaboramos um roteiro com perguntas que pudessem guiar-nos ao longo da entrevista e ainda ajudá-los a organizar suas memórias ao fazer uma retrospectiva de suas vivências. Feito isto, “deve-se esclarecer ao depoente, além da natureza da investigação e dos procedimentos, a possibilidade de ele ter em mãos, previamente, o roteiro das entrevistas” (GARNICA; SOUZA, 2012, p.101). Então, estabeleci contato com os colaboradores, conversamos sobre os objetivos da pesquisa e, em seguida, marcamos a entrevista com cada um, individualmente.

Essas entrevistas foram realizadas em um ambiente escolhido pelos colaboradores. Recorri ao uso do celular para registro da conversa, que foram gravadas na forma de áudio. Nessa etapa, segundo Garnica e Souza (2012), as entrevistas são diálogos a respeito de algo (objeto de pesquisa); é o momento em que o depoente organiza lembranças, ideias, expõe pontos de vista. É necessário que o pesquisador promova um ambiente confortável para que o pesquisado possa narrar suas memórias sem interrupções por parte do pesquisador, sem preocupações com o tempo, passando confiança à pessoa entrevistada e ainda ter o conhecimento prévio sobre o objeto de estudo.

Para este momento utilizei como recurso o celular, o roteiro e anotações no caderno de campo. Penso que todos ficaram à vontade para este momento. Foram depoimentos carregados de emoções. As gravações ficaram boas, sem muitos ruídos e com poucos trechos inaudíveis. Houve poucas interrupções por parte de terceiros que apareceram no local da entrevista. Todos os participantes tinham em

mãos um rascunho feito por eles mesmos, a partir da minha apresentação no primeiro contato com eles, para organizar suas lembranças e em vários momentos foi solicitado que pausasse a gravação. Esses momentos pareciam transparecer marcas e sentimentos das vivências ao rememorar seus percursos, Coisas que foram contadas com o gravador pausado e desligado e que me foram confidenciados pela confiança e conhecimento que tenho com os mesmos para além da minha posição como pesquisadora no momento da gravação. Para esse momento também recorri ao caderno de campo, no qual fiz anotações de observações antes, durante e depois da entrevista para que pudesse transcrevê-la com a fidelidade das emoções presentes na narrativa dos colaboradores e sentidas tanto por eles, quanto por mim.

O próximo passo foi a transcrição da entrevista. “A degravação (ou transcrição) é uma alteração do suporte da entrevista (seja ele magnético ou digital) para o papel, a fixação do diálogo por meio de caracteres gráficos” (GARNICA; SOUZA, 2012, p. 107). Esse processo demandou muita atenção e tempo, pois exigiu a reprodução minuciosa das gravações garantindo que fosse fielmente transcrito para o papel a narrativa oral dos entrevistados. Cada vez que eu reproduzia os áudios sentia novamente as sensações do dia que a conversa foi gravada.

O processo de transcrição permitiu uma maior proximidade com o meu objeto de pesquisa e com o que vivenciei na presença física e no relato de cada um dos colaboradores nos dias das entrevistas, com as emoções sentidas no momento de suas narrativas ao refletir suas práticas e rememorar um passado do qual tiveram participação ativa em vários processos de evolução da minha cidade.

Realizada a transcrição, o próximo momento é a textualização da entrevista. A textualização configura-se como um momento de edição da transcrição, onde se faz uma “limpeza” na escrita, mas se mantém as características da fala do depoente (SOUZA; ANDRADE, 2020, p. 8).

Com a história oral, permite-se ouvir e registrar, através do domínio da escrita, a voz de pessoas que são testemunhas oculares de um contexto e, com todo o cuidado ético da pesquisa, pretendo somar aos raros documentos escritos do contexto histórico geral do meu município as vozes dessas professoras e do aluno a fim de registrar uma história sobre o passado da educação. Todo esse cuidado é necessário porque as entrevistas transcritas e textualizadas se

constituem material empírico do estudo e por este motivo foi necessário a aprovação e autorização dos colaboradores.

CAPÍTULO 3. CONTEXTO DA PESQUISA

3.1 Informações sobre os Grupos Escolares no Brasil e em Minas Gerais

No Brasil, os Grupos Escolares foram criados no estado de São Paulo, em 1893, com o intuito de reunir as escolas isoladas, que passariam a ser agrupadas de acordo com a proximidade entre elas. Dessa forma, no início da República, os grupos escolares foram responsáveis por um modelo de estabelecimento de ensino, caracterizado por um agrupamento de escolas, visando uma escola graduada, utilizada no final do século XIX em diversos países da Europa e nos Estados Unidos para implantação da educação popular.

O ensino primário era, à época, ministrado em quatro anos e pretendia proporcionar uma educação integral, prevalecendo o método intuitivo. A disciplina do aluno era rígida (asseio, ordem, obediência, ensinamentos cristãos baseados na religião católica, entre outros), havia práticas “ritualizadas” e “simbólicas”, como os exames finais e as exposições simbólicas.

A ideia de implantação dos grupos escolares para o restante do Brasil logo se estendeu, fazendo parte da política de diversos governantes de estados brasileiros. Em Minas Gerais, o modelo escolar paulista foi implementado em 1906.

No período de 1906 a 1924, surgiu a primeira lei de implantação dos grupos escolares em Minas Gerais. Essa expansão permite compreender que os grupos escolares refletiam características políticas, legais e administrativas que se fortaleciam a partir da política educacional republicana, visando a universalização do ensino nos ideais de modernização e Nação. Nesse sentido, Oliveira (2013) diz que:

> Regulamentada em 1894, essa modalidade de educação formal, isto é, a institucionalização da instrução primaria via grupo escolar, penetrou, primeiramente, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. O modelo difundido para os demais estados foi o de São Paulo, que dava relevo a construção de prédios adequados à finalidade de educar formalmente e a noção de escola pública republicana marcado pela organização do universo escolar. O grupo escolar paulista era visto como (re) construção de um modelo de escola que não funcionava, pois não supria as necessidades republicana, para a qual era preciso formar cultura de saber homogênea.
> Em Minas Gerais, o grupo escolar surgiu em 1906, com a reforma educacional de João Pinheiro, formalizada pela Lei 434, de 28 de

> setembro. O surgimento dessa instituição significou sobrepor o ensino laico ao confessional e dar a razão, o lugar da fé nos bancos escolares. Em outros termos, o grupo escolar aboliu a instrução religiosa nas escolas públicas, assim como foram cortados os subsídios estaduais aos seminários (OLIVEIRA, 2013, p. 7).

Buscando uma melhor reorganização do ensino primário no Brasil, criaram-se espaços de educação continuada para formação de professores, oferecendo outra concepção de ensino e, ainda, uma nova organização administrativa. O que antes era realizado por meio do professor, passa a ser divido com outros sujeitos do corpo escolar, como o diretor, sendo a cada um atribuídas suas responsabilidades.

Esta política educacional já foi estudo de muitas pesquisas, que mostram que houve uma institucionalização emergente a mostra da intencionalidade do governo em espalhar a escola pública. Até então, segundo Araújo (2006), as pesquisas histórico-educacionais sobre os grupos escolares não são suficientes para explicar esta temática, pois ainda desconhecem a dinâmica estaduais dos mesmos, particularmente no interior dos estados.

3.2 Formação histórica da comunidade

A fim de entender e conhecer melhor como o município de Icaraí de Minas, no estado de Minas Gerais, foi construído ao longo dos anos, busquei autores para localizar e retratar a sua história.

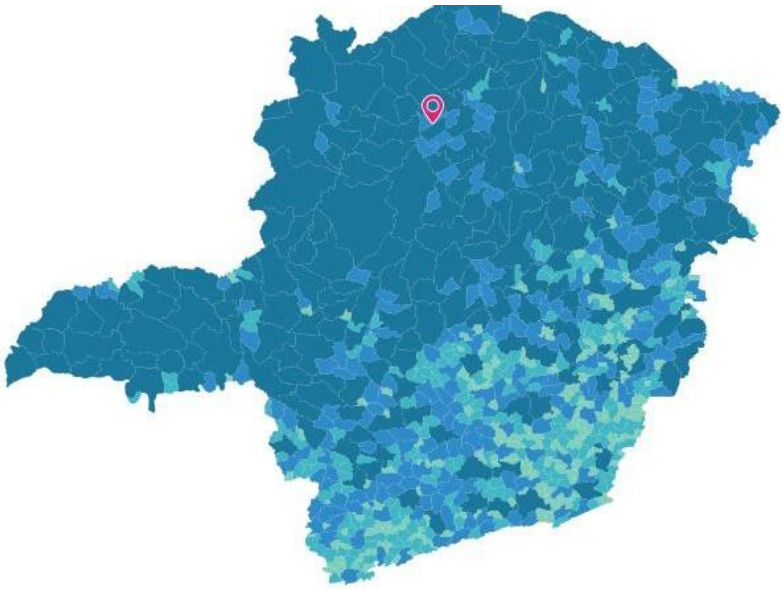
Um dos principais trabalhos foi o de Braz (1977), que comenta que no ano de 1920 começou a formação de um pequeno agrupamento de casas, que recebeu os nomes de Tiririca e de Sicupira, ao redor da fazenda-sede do fazendeiro José Bernardino Teixeira, pertencente a extensão territorial do município de São Francisco (MG). Já com a idealização de constituição do povoado, o Coronel José Bernardino promoveu a construção da primeira igreja, prosperando a religião católica. Anos mais tarde, as primeiras denominações de Tiririca e Sicupira caíram em desuso, sendo bem aceita a denominação Icaraí, que foi oficializada pela Lei nº. 292, de 30 de novembro de 1967, de autoria do vereador José Ramos de Almeida.

A ideia da fundação do povoado foi impulsionada graças ao dinamismo do sucessor e herdeiro do coronel José Bernardino, Pedro Ramos da Rocha, o

conhecido Neném, que se tornou patrono de todas as ações que objetivavam o engrandecimento do Icaraí, considerado na época o mais importante povoado do interior do município de São Francisco (MG) (BRAZ, 1977). Mas, somente em 27 de abril de 1992, foi instituído o município com o nome de Icaraí de Minas, pois até então era um distrito de São Francisco, como se percebe em registros em diferentes espaços públicos no município que datam esse momento histórico da cidade.

O município de Icaraí de Minas está situado ao norte do estado de Minas Gerais. Em 2015, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), teve sua população estimada em 11.633 mil habitantes, área territorial de 625.664 km^2, densidade demográfica - segundo o censo realizado em 2010 - de 17,18 hab./km^2, concentrados em maior número na zona rural do município. É um município muito rico nos aspectos cultural, econômico, social e, não menos importante, político. Nesse último, em especial, sempre há contradições.

Figura 3 - Localização de Icaraí de Minas em Minas Gerais



Disponível em: < https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/icarai-de-minas/panorama >. Acesso em: 11 set. 2020.

A diversidade cultural manifesta-se nas festas tradicionais regionais, nas quais é possível perceber a riqueza das comunidades rurais. Algumas comunidades ganham mais destaque que outras comunidades do município, penso que devido à forma como se organizam enquanto comunidades, possibilitando o bom

desenvolvimento do grupo. Por exemplo, nas comunidades Santos Reis e Lagoa dos Cavalos é tradicional o festejo em honra ao santo padroeiro Santos Reis; já na comunidade Nova Aparecida, banhada pelo Rio São Francisco é tradicional os festejos em honra a padroeira da comunidade Nossa Senhora Aparecida, bem como em todas as outras comunidades movimentam-se em festejos religiosos e se organizam também em associações comunitárias.

Considerada a segunda maior cidade produtora de leite do norte de Minas, sua economia circula em torno da atividade leiteira adotada pelas famílias que, ao longo do tempo, foram incluindo a bovinocultura de leite e corte com as outras atividades desenvolvidas na agricultura familiar do município.

Figura 4 - Entrada da sede do Município de Icaraí de Minas (MG)

Fonte: Produzida pela pesquisadora.

Contamos com duas cooperativas na cidade, a COOPERPRIM (Cooperativa dos Pequenos Produtores de Leite de Icaraí de Minas) e a COOPERLEITE (Cooperativa dos Produtores de Leite de Icaraí de Minas Ltda), que atualmente trabalham em parceria uma com a outra e com os pequenos e médios produtores, comprando o leite *in natura* diretamente deles e promovendo a venda para laticínios de cidades vizinhas. Essas instituições também deram suas contribuições para o produtor ao promover a venda de ração, vacinas, insumos e outras ferramentas para melhor execução do trabalho e produtividade a um custo mais acessível, com a geração de emprego direta e indiretamente.

Esses produtores e trabalhadores rurais têm sua organização social ofertada

por essas cooperativas; pelas Associações Comunitárias; pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, fundado em 13/08/1998, entidade sem fins lucrativos constituída para fins de representação e defesa dos direitos e interesses coletivo e/ou individual dos trabalhadores rurais (Registrado no Cartório de Registro de Títulos e Documentos e Civil das Pessoas Jurídicas de São Francisco (MG), em 6 de agosto de 2015. REG Nº 609, LIV A11, PAG.293, AV.Nº4); e EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural). Essas instituições dão suporte para acesso a vários programas do Governo Federal, com destaque para o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), que impulsiona a economia no município.

Não poderia deixar de apresentar a escola na sede do município, a Escola Estadual José Bernardino (E.E.J.B) que, segundo o PPP desta instituição, desempenha um importante papel na cidade, desenvolvendo seu planejamento de forma participativa, tornando o ambiente escolar um lugar de diálogo, fundamentado na reflexão coletiva, com metodologias adequadas que contribuem para o crescimento do educando voltada para a formação de cidadãos, homens sujeitos de sua própria história.

A escola recebeu esse nome em homenagem ao morador pioneiro do território do município, o coronel José Bernardino, que, no ano de 1930, proporcionou em sua fazenda a instalação de uma escola primaria que é o foco deste estudo. Segundo o Projeto Político Pedagógico, a escola se oficializou no estado em 08 de setembro de 1965, pelo Decreto 9.960, como escola primária para atendimento da demanda da época.

CAPÍTULO 4. AS TEXTUALIZAÇÕES: VOZES DE UMA HISTÓRIA

4.1. João Naves de Melo[3]

Colaborador: Identificação?

Pesquisadora: Sim.

Colaborador: João Naves de Melo, professor, advogado e escritor, nas horas de folga, né?

Atendendo à sua solicitação, vamos voltar um pouco no tempo, né? Eu cheguei aqui em São Francisco em 1960, era menino novo, me mandaram para eu dirigir uma escola. Essa escola chamava Centro de Treinamento para Jovens Líderes Rurais – Caio Martins[4]. Por que Centro de Treinamento para Jovens Líderes Rurais? Porque naquela época o meio rural não tinha escola, os meninos "mal mal" iam em alguma escola ou chegavam a 2ª série. Então ali paravam e ficavam adulto e "mal mal" sabiam escrever pra tirar o Título de Eleitor mais tarde. E pronto! Com o Centro de Treinamento, os pais mandavam os meninos para estudar no sistema de internato e os meninos eram preparados. Naquela época iam do antigo ensino primário até o 4º ano. Essa escola era muito boa, porém o menino, em sistema integral, passava 24 horas sendo trabalhado, nas aulas do campo trabalhava e, à noite, em reuniões.

Tinha o processo cultural no qual os meninos traziam o que eles conheciam da roça e a gente passava pra eles o que era importante também no termo de preparação psicocultural. De cada região vinha uma manifestação especial, o folclore, dança etc.

Muitos desses meninos quando formavam continuavam estudando, outros voltavam pra casa, até porque o lema da escola era transformar o meio através da criança. E isso funcionou com quem? Com as meninas, porque passaram a ser as professoras nos lugares onde não tinha escola. Você lembrou aí que, às vezes, a indicação de professor era através de um vereador e tudo mais, mas naquela época num era nem tanto, era do fazendeiro. Aquele mais esclarecido, ele pensavam o seguinte: eu tenho que trazer uma escola pra aqui pra instruir meus filhos, dos

[3] A entrevista com o colaborador João Naves de Melo foi realizada em 02/09/2019.
[4] Escola Caio Martins.

meus outros agregados e tudo.

Então muitos fazendeiros fizeram isso: mandavam os meninos, eles estudavam, voltavam e criavam uma escola. Isso aconteceu aqui nessa região do Serra das Araras, Urucuia, aconteceu no Morro e em Conceição da Vargem[5]. Então lá no Morro foi interessante: teve uma família lá que criou até uma comunidade, que chama hoje Lapa do Espírito Santo. [Nome inaudível] casou-se, montou a fazenda, e a mulher dele sentiu uma missão muito grande, e a primeira coisa que falou foi: "vamos criar uma escola". Ela começou a dar aula, e hoje tem uma escola lá de 2º grau, uma coisa mais espetacular!

Em Conceição da Vargem, a sede da vila era Logradouro[6]. Hoje, onde é Icaraí era um povoado pequeno, era Sucupira, né? Depois era o Tiririca, mas era assim, constituído na Fazenda Covancas. Era uma fazenda imensa! Tinha lá o Neném Ferreira, que era o dono da fazenda e foi criando o povoado, foi aumentando. Eles mandaram uns meninos também pra estudar aqui [em São Francisco], eu não vou lembrar o nome de todo mundo, né? Mas eu sei que tinha o Genaro que tá lá [em Icaraí] até hoje, tinha Ana e outras pessoas de lá. O processo era tão interessante! Nas férias, a gente ia lá [em Conceição da Vargem/Icaraí de Minas] pra visitar os pais e vê o quê que estava acontecendo.

Então, nós pegamos uma equipe de professores e a gente saía de cavalo, que na época não tinha estrada, né? Ia de cavalo e ficava lá 15 dias rodando Logradouro, lá em Tiririca, e fazia contato com os pais. Assim esses meninos começaram a ser agentes transformadores do meio, começaram a dar aula. Mas muito antes disso, esse espírito de ir em busca do conhecimento, nós verificamos em Logradouro, isso porque tinha aqui perto de São Francisco, há uns 30, 40 quilômetros, um fazendeiro muito espirituoso e tudo, chamava Francisco, e na fazenda dele tinha umas casas com pessoas morando. Os meninos dessas casas não tinham nenhum conhecimento, aí ele falou: "Ah, eu preciso criar uma escola aqui". Aí ele mandou uma carta pro amigo dele lá de Logradouro, o Zé Guimarães. Este, por sua vez, contou a história dele e respondeu que estaria pronto pra ajudá-lo e mandou realmente a filha dele pra esse local.

---

[5] Serra das Araras, Urucuia, Morro e Conceição da Vargem eram, à época, distritos do município de São Francisco. Hoje, apenas Morro continua como distrito de São Francisco, sendo as outras comunidades emancipadas. Conceição da Vargem passou a se chamar Icaraí de Minas.

[6] Logradouro atualmente é uma comunidade na área rural de Icaraí de Minas.

Conceição da Vagem transformou, enfim, teve a emancipação do distrito. Foi até interessante isso porque o pessoal de Logradouro que eram muitos, queria que fosse lá a sede do município, mas os fazendeiros mais fortes eram de lá de Tiririca e Sucupira, que tinha que ser ali a sede. Eu na época até brinquei que não devia ser nem em um nem no outro, que devia ser lá onde deve ser hoje Nova Aparecida. Por que Nova Aparecida? Porque ela tá na margem do Rio São Francisco e em Icaraí não tem água. Para ter água eles fizeram uma barragem imensa, mas não deu nada porque a água infiltrava todo no terreno, o solo de lá num é próprio pra barragem, é muito pedregoso. Então o Exército foi lá e tentou fazer uma recuperação, não conseguiu recuperar de forma alguma, ela tá lá até hoje, sem água, né?

Agora, então, em termo de preparação de jovens e tudo, felizmente teve uma escola que é muito importante. Hoje a escola tem até o 2º Grau. Então, esse trabalho eu achei muito importante porque, de certa forma, mudou a vida daquelas crianças e hoje dos jovens também com um desenvolvimento muito bom.

Mas, e por que Icaraí? Na época nós ficamos: “Icaraí? Por que Icaraí?” Tem uma divergência a respeito disso. Tinha naquela época quem fazia o transporte daqui [São Francisco] pra lá [Icaraí] num microônibus. Ele chamava Nicolau, não sei mais de quê. Ia um dia e voltava no outro. Quando houve esse estudo [pra emancipação], já que houve a emancipação, qual o nome que vai dar? O Nicolau sugeriu Icaraí, porque ele conhecia um Icaraí no Litoral do Rio de Janeiro: “Ah, tem uma cidade lá com um nome muito bonito, Icaraí”. Mas como já tinha Icaraí, então pôs Icaraí de Minas. Já outros dizem que foi um padre também que era daquela região e que o padre achou que tinha que ser esse nome. Então a gente vai ter que tirar par ou ímpar (risos), porque não tem nenhum dado histórico escrito realmente quem foi que deu o nome. O mais aceito é o do Nicolau porque era ele que estava permanentemente com o pessoal fazendo o transporte, o padre ia lá de vez em quando. Ficou essa questão do Icaraí de Minas. É um nome bonito que eles acharam interessante. Então foi emancipado, passou a ser a Icaraí de Minas.

Quando foi instalar Icaraí de Minas eu tive, como dizer assim, a felicidade de fazer a instalação. Até então quem instalava e dava posse ao prefeito era o Juiz, mas houve uma lei que modificou isso. Por isso o Juiz falou que não ia lá não. Como eu trabalhava aqui na Assessoria da Câmara [de São Francisco] eles pediram pra ir fazer a instalação da Câmara de Icaraí de Minas. Eu assustei quando eu cheguei

[na cidade], viu? (Risos) Eu peguei um taxi aqui em São Francisco, pra chegar foi uma dificuldade: é carro preso à areia, buraco, enfim, cheguei.

Eu já conhecia a casa do Neném Ferreira, de quando eu ia lá à cavalo visitar as famílias dos meninos. Era numa praça, e de um lado a escola que ainda existe o prédio até hoje, mas ainda não era escola estadual. Quando nós chegamos, não pudemos avançar mais porque tinha uma grota lá imensa, aí eu falei: “uá, gente, aqui só à cavalo” (risos). Largamos o carro, fizemos contato com o pessoal. À noite, fizemos uma reunião, dei posse à Câmara. A Câmara deu posse ao prefeito e começou a vida de Icaraí de Minas naquela noite.

Depois disso me surpreendeu que, com o tempo, apesar de toda a dificuldade de não ter água, problema de transporte e tudo, o local foi desenvolvendo. Hoje cê chega lá tá toda asfaltada, tá tudo bonitim, tem uma escola funcionando muito bem, né? Outros departamentos na área da saúde, na área do meio ambiente e tudo tá funcionando bem. Quer dizer: pra atual Icaraí foi um ganho. Mas eu acho que o [princípio] de tudo foi a escola. Quando começou a preparar a juventude e a criança pra aquelas mudanças que realmente ocorreram com o tempo. Em resumo, a história lá de Icaraí fica por aí porque não tem registro histórico escrito, não tem. Na verdade é São Francisco que não tem! Olha pra você ver: tô até te mostrando esse acervo aqui, né? Busco um pedacim daqui, busco um dali e a gente vai remendando e isso aqui [da pesquisa que está realizando], por exemplo, ó: eu levei dias, você nem imagina, pra mim achar nesse livro aqui a data, num é correto não, mas é a mais próxima quando morreu Matias Cardoso, que todos os escritores que tem é... o Diogo, Vasconcelos e tantos outros, eles falam mais ou menos, mas não dão a data, porque como ponto de partida pra São Francisco, pra Icaraí, pra essa região São Romão, Januária etc, tem que saber quando que ele morreu. Isso se declarou! Quando ele morreu, vamos aqui a última que eu achei foi em 1706. Então São Romão, São Francisco, Januária e Montes Claros, Brasília de Minas[7], que eu sei, praticamente isso tudo aqui, só pode ter sido criada após a morte dele. Por quê? Por que enquanto ele era o general, que eles fala “de campo”, o governo dele ia dali de Pirapora até na Bahia que era a terra que ele tinha ganhado como compensação do combate que ele fez aos índios lá no

[7] São Romão, São Francisco, Januária e Montes Claros, Brasília de Minas são municípios de Minas Gerais. Na época da formação de Icaraí já eram cidades.

Ceará. Ele era remanescente da bandeira de Fernão Dias e foi indicado pela Coroa para fazer esse trabalho. Quando ele acabou com aquela revolta dos índios, ele ganhou essa possessão.

Eu vou procurar pra você depois a data certa de quando foi criado o distrito de Icaraí, num é nem Icaraí, é de Conceição da Vargem, que é importante pra saber como chegou a ser cidade.

Pesquisadora: Eu gostaria de saber um pouco sobre o Nicolau, sobre a sua influência na escolha do nome Icaraí de Minas e também se podemos retomar um pouquinho sobre os Grupos Escolares, se você se recorda, falar um pouquinho mais sobre esses Grupos lá na Vila de Logradouro que foi célula, né?

Colaborador: Sei. A respeito dessa divergência eu sou mais [em favor do] Nicolau do que o padre. Porque o Nicolau eu conheci trabalhando aqui, ele era de Icaraí. Eu sei que a empresa dele chamava Nicolau. O ônibus dele fazia essas viagens constantes e quando surgiu a emancipação teriam dito, isso aí eu ouvi de várias pessoas, que foi o Nicolau que sugeriu. A maior influência de Conceição da Vargem era com aqui [São Francisco]. O transporte aqui era regular do Nicolau, que levava os passageiros e trazia pra ir ao banco, pra resolver os problemas aqui no comércio e tudo, era ele que tinha essa ligação mais direta com o pessoal no dia-a- dia, então ele vivia Sucupira ou Tiririca, ele vivia aquilo no dia-a-dia, a alma dele tava ali. Então eu acredito muito mais nele, sem dúvida!

E quanto às escolas, com respeito à Logradouro, eu não sei o nome da escola, porque isso é coisa tão distante. Logradouro também tinha a mesma preocupação que mais tarde teve Tiririca em mandar os meninos pra estudarem aqui na Caio Martins, mas não era só isso porque antes já tinha o Zé Guimarães que já tinha um nome lá. Eu vou localizar depois. Você vai me deixar seu endereço, vou te mandar a carta dele que ele mandou atendendo o pedido de Francisco lá no Retiro. Então ele mandou a carta e depois mandou a filha dele, porque ele já tinha a escola dele como uma célula importante pra educação lá em Logradouro. Então de lá da escola de Logradouro que veio a menina na época com 14 ou 15 anos que foi lecionar e criou a escola do Retiro, bom esse é um ponto.

Lá de Icaraí da mesma forma uma escola era Simulada, depois Escola Reunida depois que eles chamavam, antigamente um pequeno Grupo nessa escola do Ferreira, ela pegou o nome do Neném?

Pesquisadora: Não, é Escola Estadual José Bernardino, pegou do Coronel.

Colaborador: Do Coronel José Bernardino. Então depois a escola em Nova Aparecida foi uma decorrência do trabalho também do prefeito Aristomil daqui de São Francisco, na época, ele criou um povoado e deu o nome de Nova Aparecida, aqui ainda era São Francisco. Então quando ele criou, criou-se também uma escolinha, Escola Singular, chamava Escola Municipal e quando da emancipação de Icaraí, foi crescendo o povoado como de fato cresceu e transformou em escola estadual. Eu já fui lá várias vezes visitar, fazer palestra que os meninos me pedem, a diretora lá foi minha aluna!

Geza foi minha aluna! Ela foi preparada no Caio Martins também, a gente sempre vai lá, ela chama pra fazer palestra e tudo. É uma escola muito interessante, o trabalho dela é muito bom.

Pesquisadora: Agradeço por sua disponibilidade em colaborar com a minha pesquisa, estou muito grata com sua colaboração. Muito obrigada!

Colaborador: Por nada! Eu vou ficar te devendo a foto.

4.2. Genaro João de Almeida[8]

Colaborador: Me chamo Genaro João de Almeida. Cê quer a data de nascimento essas coisas?

Pesquisadora: Sim.

Colaborador: Eu nasci 17 de junho de 1948, em Monssenhor Tabosa, Ceará. Bom, eu sou do interior do Ceará, da roça, num sítio da fazenda de meus pais, da família e com 6 anos eu perdi minha mãe. Depois disso fui morar dois anos e pouco com minhas tias, certo? Depois pai casou, eu voltei morar com ele. Ele casou com a minha tia, cunhada dele! Aí eu fui morar com ele.

Quando foi em 1958, em 20 de janeiro eu vim pra cá pra Minas Gerais. Chegamos aqui no dia 5 de fevereiro daquele ano, porque o transporte era difícil. O meu pai vinha pra cá [Icaraí de Minas] também, mas eu tinha que vim na frente pra poder estudar. Acontece que naquele ano eu não estudei, porque o Grupo tava em reforma.

Quando eu cheguei aqui [em Icaraí de Minas] só tinha umas 20 casas. Com o decorrer do tempo, com a evolução do comércio e da escola que foi crescendo

[8] A entrevista com o colaborador Genaro João de Almeida foi realizada em 25/11/2019.

até chegou na posição de hoje ser cidade. Ó, antes de eu vim pra cá, quando eu tinha 6 anos ou 7, estudei uns 6 meses com uma parenta nossa, minha tia. Depois eu estudei com um senhor que já era de idade, ele foi professor de Belarmino e de toda a família, certo? Ele era até, inclusive, casado com uma irmã do meu avô, ele que era o professor geral da turma. Estudei com ele também uns 4 meses.

Quando eu cheguei aqui [em Icaraí] em 1958 eu não estudei. Eu estudei aqui [em Icaraí] nos anos 1959, 1961 e 1962. Aí quando foi em 1963 eu fui para a Caio Martins onde eu estudei 3ª e a 4ª série. Em 1964 até junho de 1971 estudei na escola agrícola. Sou da turma fundadora do Colégio Agrícola de Januária. Estudamos lá 7 anos e pouco, porque teve uma paralisação de 6 meses em 1971 para adaptar o calendário escolar agrícola.

A minha tia, como falei antes, com quem estudei por 6 meses, dava aula num salão da casa dela mesma, um salãozinho simples, sem estrutura mesmo. Depois no semestre seguinte eu também estudei numa casa de família também com pouca estrutura. Aqui, em Icaraí, no período de 1958 que eu não estudei tinha reformado a escola, era uma condição melhor, nem tão precária, nessa época se adaptava, né? No [colégio] Caio Martins o estudo era mais evoluído, vamos dizer assim. A grade curricular era melhor, era mais enriquecida e a gente também, além das aulas teóricas, a gente tinha as aulas prática. Aprendia a lidar com serviços de horticultura, pedreiro, carpinteiro, marceneiro, sapateiro, mecânico essas coisas assim. E para as meninas ensinavam bordar, cozinhar e outras coisas mais que as menina aprendem.

Aí quando estudei no Colégio Agrícola era uma estrutura melhor, nós tinha as matérias práticas, tinha as matérias teóricas e lá a gente terminava com o curso técnico agrícola. O curso ginásio era só o comum mesmo, mas no curso técnico já tinha as matérias teóricas e prática e a gente sempre desenvolvia muita coisa! Foi melhorando. Em 1971 concluí tudo. Não exerço a profissão [de técnico agrícola], entrei pra escola, aí agora tô aí.

Quando cheguei a fazer o primeiro ano novato parece que era básico. Ele era o seguinte: quem era professora era dona Juventina Brandão, depois ela aposentou ou foi pra São Francisco então ficou a filha dela, dona Tereza Brandão. No tempo que eu fui pra São Francisco tem muitos colegas da mesma idade que a gente estudou ali a 1ª série e 2ª, certo?

A gente tem boas lembranças desse pessoal ex-colegas, professores. Tem

muitos que já se foram. Foi bons companheiros e tudo o mais. Agora a parte negativa era a condição que era fraca, às vistas da cidade, a cidade já era bem melhor, certo? Era bem melhor. Aqui [na escola em Icaraí] nós com dificuldade num tinha lugar pra sentar, até muitas vez tinha que levar o tamborete de casa pra poder sentar. A merenda fraquíssima, muita vez os meninos que levava sua merenda de casa ou os meninos saía da escola e ia comer em casa. Os meninos de fora trazia a merenda de casa.

Quanto aos familiares, eles me apoiava e me incentivava ir à aula, principalmente a mulher que foi minha segunda mãe, Maria de Jesus a mulher de Belarmino. Ela empenhava mesmo pra eu ir para a escola. Graças a Deus ela me ajudou muito, o que eu sou eu devo hoje essa pessoa. Naquele tempo o incentivo, o conhecimento dos pais, num tinha aquela evolução de hoje, ele num observava a necessidade que o filho tinha de estudar. E o quê que acontece? Alguns pais não mandava seus filhos pra escola, outras vez o filho não queria e eles não incentivava o filho ir para a aula. Mas tinha aqueles que era dedicado que fazia tudo e incentivava mesmo o filho pra ir.

Ó, as aulas daquela época, além do material escasso, o material era pouco e o recurso pedagógico muito pouco. Não tinha livros. Só tinha o quadro, outros meios aí dependia muito da criatividade do professor, era uma coisa limitada, era praticamente o conhecimento do professor.

Aqui [em Icaraí] eu estudava era de 7 horas às 11. Tinha intervalo, o recreio, sempre teve. Uma época cobrava uniforme, outra hora não cobrava. Quanto às séries, tinha duas turmas de 1ª série, tinha o controle do 1º A do primeiro 1º B, mas era tudo numa sala só, porém a matéria de um era uma coisa do outro era outra coisa, tudo numa sala sozinha, como é que a gente fala? Multisseriada né? A 3ª série era junto com a 4ª, cê entendeu? Porque não tinha professores era ali uma turma sozinha.

A aula de matemática, que geralmente era aritmética pura, era só os números, não tinha matemática moderna. Pra mim era bom porque eu gostava de matemática, eu era bom na tabuada, mas em compensação em português eu era uma lástima, porque eu tinha vindo do nordeste com um sotaque diferente, até me adaptar tanto eu falava errado como escrevia errado. Mais naquele tempo tinha o rodízio de tomar a leitura ou a tabuada. Na tabuada eu batia, no português eu apanhava (risos).

Ó, do coleguismo que a gente tem saudade. Tem muitas boas lembranças, tem muitas coisas que a gente também não queria ver mais nunca! De violência, outra hora alguém vinha pra estudar e vinha era criar caso, mas tudo foi bom.

Quando eu cheguei da escola, tinha saído o resultado da 1ª e 2ª classificação do vestibular em Viçosa, eu queria ir pra Agronomia, mas eu não passei. Eu passei pra Biologia, mas eu não queria fazer Biologia, eu vim embora. Com isso eu cheguei [em Icaraí] e fui trabalhar no comércio.

Surgiu uma vaga no turno da noite na escola, teve um professor que por seus motivos saiu da turma de adulto onde dava aula, não tinha outra pessoa pra assumir, aí Sônia pediu pra mim entrar, até que aceitei. Eu era novo de casado eu precisava e aí entrei. No comércio tive que pedir pra pai e Belarmino pra deixar eu ir. Foi quando eu entrei em 1976 como professor. Quando eu assumi a turma ela levou os papel lá pra Inspetoria, onde elas aprovaram porque não tinha outra pessoa naquele momento para substituir. E naquele tempo por causa que eu tinha o 2º Grau eu entrei na escola.

A profissão de professor, como você bem sabe, não é uma profissão que o povo enxerga com o devido valor que é, porque todas as pessoas que se especializou ele passou pela escola, alguém lutou. Mas infelizmente no Brasil a profissão de professor até hoje não teve o valor merecido. Seja o professor, o especialista, cê ta se formando agora cê vai ver as conseqüências que vão ter pelo meio, o professor até hoje no país não é valorizado como merecia.

Quando eu entrei na direção da escola, a escola não tinha condições nenhuma. Os tamborete os menino levaram de casa, as cadeiras a gente remendava uns pedaço de pau e sentava nuns bancos. Aí nós conseguimos naquela época um caminhão de carteira pro Grupo, cê lembra dele né?

Pesquisadora: Não.

Colaborador: Aí nós conseguimos um caminhão de carteira e algum material. O mais marcante foi nós conseguir trazer a 5ª série. Naquele tempo a 5ª série, só tinha em lugar que era cidade, só tinha dois distritos de cidades [perto daqui] que tinha [o ensino de] 5ª série à 8ª: em Joatuba que pertence à Mateus Leme, isso porque lá tinha uma fábrica de cerveja e tinha muito empregado e com isso tinha um grande número de família, de pessoas; e lá no sul de Minas numa cidadezinha pequena porque tinha uma indústria lá ou era Vale Industria e lá também por causa do número de família no local eles tinha 5ª série à 8ª.

Nós trabalhamos um ano ou foi dois nesse trabalho mostrando as justificativas que precisava ter aqui [em Icaraí] a 5ª série. Nesses lugares pequeno, nesses distritos, nesses povoado o povo foi caindo na consciência. A Câmara, a Assembleia votou a favor da criação aí criou aqui [em Icaraí], em Vila do Morro e em outros lugares também porque os deputados se uniram à causa e aí aprovou.

Aí depois que foi aprovado o ensino de 5ª série à 8ª aqui em Icaraí, nesses lugares e viu que deu certo aí agora ispaiou!

Quando eu comecei estudar o Grupo já era como é a Escola Municipal, mas sendo Escola Reunidas. Os distritos mais desenvolvidos, os povoados mais desenvolvidos, que era Logradouro, Jiboia era que era Escolas Reunidas. Aí depois eu não sei, foi cada qual tomou um nome e registrou. E isso foi com o Estado. Quando estadualizou as escolas, as escolas tudo passou a ter nome nos povoado, isso foi em sessenta e pouco. Com isso, com a escola estadualizando, ela foi melhorando. Vinha gente do povoado, aqui das fazendas foram botar os filhos para estudar aqui, porque nesse tempo começou a 4ª série. Com isso, o povoado foi crescendo também comercialmente desenvolvendo. Isso trouxe a estrutura, por exemplo, em 1960 e através de manifesto, de abaixo assinado tal, conseguiu esse poço que furou lá no meio da rua, conseguiu água pra Icaraí. Logo a Comissão do Vale, que hoje é a Codevasf, fez a caixa d'água, encanou, deu motor e tudo o mais e passamo ter água.

O povoado foi crescendo e a escola também crescendo com a criação de 5ª série à 8ª. Aquele mutirão que Severino fez naquela praça de lá já despertou o interesse de passar a ser cidade. Quando nós criamos essas outras séries o povo juntou e também pela vontade de ter a paróquia aqui, sempre vinha sonhando. E pra conseguir é isso aí, foi sonhando, fazendo trabalho com um e com outro e quando viu, já tava no auge, as escolha dos nome... Que Icaraí ia chamar Viçosa, mas quando foi sondar o nome Viçosa, tinha Viçosa de Minas Gerais e tinha uma Viçosa lá no Ceará aí não pôde ser Viçosa. Se pensou outros nomes alguns até que não soava bem. Que Tiririca não soava bem, Sucupira não soava bem. Aí veio nome Icaraí como nome comercial por exemplo, Icaraí.

O chefe que era seu Neném aprovou, é por intermédio de Nicolau, que ele é que fazia as pesquisas e dava a sugestão. Inclusive tem gente que não queria, né? O nome Icaraí surgiu disso aí, foi uma praia que tem lá ne Fortaleza, chama Icaraí, e outro negócio que tem no Rio de Janeiro, daí o nome Icaraí foi aprovado por esse

pessoal mais velho da época. Uns aprovava, outros não. Mais a maioria aprovou, por isso que é o nome Icaraí de minas.
Pesquisador: Sr. Genaro agradeço pela disponibilidade em colaborar com a minha pesquisa, estou muito grata com sua colaboração. Muito obrigada!
Colaborador: Eu te peço desculpa as respostas num tá a altura de suas pergunta, mas eu estou inteiro ao seu dispor.

Pesquisadora: Está à altura sim! Muito obrigada!

4.3. Nair Santos Almeida[9]

Colaboradora: Eu sou Nair Santos Almeida, eu tenho 77 anos. Meus pais e minha irmã mais velha eram naturais daqui de Icaraí de Minas. Naquela época [Icaraí] era uma fazenda do Coronel José Bernardino, o fundador deste lugar, era bisavô da minha mãe. Eles resolverem partir para Araçatuba em busca de nova vida. Lá eu nasci e fui muito bem vinda. Com o passar dos anos eles resolveram voltar para sua terra natal.

Naquela época eu estava com 4 anos. A minha infância foi maravilhosa, brincava de boneca com minhas amiguinhas. A minha adolescência também foi muito boa, tinha muitos amigos e amigas, nós nos divertia muito. Nas noites enluaradas cantávamos cantigas de roda. Eu me lembro de uma que era assim: “Oh que noite tão bonita oh! Que céu tão estrelado, quem me dera eu ver agora o meu lindo namorado”. Cada menina cantava um verso e todas nós cantava a cantiga novamente.

Sempre morei nesta cidade. Ela foi um povoado muito animado, foi um distrito uma vila e finalmente uma cidade. A minha vida escolar foi muito boa. Frequentei a Escola José Bernardino, só existia ela. Fui uma aluna exemplar. Eu frequentei a escola 4 anos.

A minha escola era simples, as estruturas eram velha, cheia de buracos, nós enfeitava os buracos com flor de chinchalô. Na minha época as professoras eram dona Juventina Carvalho Brandão e sua filha dona Tereza Brandão. Depois veio outra filha dela, Lia Brandão.

---

[9] A entrevista com a colaboradora Nair Santos Almeida, alcunha de Nazinha, foi realizada em 14/12/2019.

As lembranças daquele tempo são todas positivas. Meus familiares entendia que a escola era muito importante para todos nós. A minha vida como estudante foi muito valiosa porque foi no Grupo Escolar que aprendi. Durante a minha vida escolar só frequentei esse grupo. Ser estudante do Grupo Escolar era muito importante. Naquela época foi chegando famílias de outros lugar, todos os meus conhecidos da mesma idade freqüentavam a mesma escola.

O Grupo escolar era diferente, tinha aulas de Ensino Religioso, de Matemática, aula de Português, Ciências, aula de Estudos Sociais. Todas essas aulas eram dadas por um professor só. Eu estudava na parte de cedo. Havia intervalos, que era o recreio, e a merenda. Tinha também uniformes: era a saia azul, a blusa branca, tinha uma gravatinha também! Aí tinha, falava que era um capucinho, cada série que a gente estudava era marcada um vivo, por exemplo: 1º série um vivo, 2º série, dois vivo; 3º série, três vivo; 4º série, quatro vivos. Era porque estudava todos juntos num sala só.

As aulas de Matemática os conteúdos era Problemas, as Quatro Operações, era Fração e muitas outras coisas. Eram umas aulas muito aproveitosas. Eu aprendi muito com aquela professora. A professora dava assim sempre no quadro, falava "argumento" naquela época. Era época também da palmatória, quem não sabesse fazer o "argumento" ganhava "bolos". [Lembro que] foi duas primas minha fazer umas conta, naquele tempo, naquela época eu não sabia muito assim fazer conta, aí foi um colega e fez aquela conta, ele deu os "bolo" nas minhas primas, eu chorei muito (choro)... E daquele dia eu ia aprender conta que era pra mim descontar o que ele fez com minhas primas. E graças a Deus, daquele dia tudo e todas as contas que a professora fazia eu aprendi todas. E aconteceu isso mesmo, chamou ele no quadro e ele não soube [resolver], ela me chamou e fiz aí dei os "bolos" nele descontando os que ele deu nas minhas primas.

Naquela época foi chegando famílias de outros lugares, o pessoal do "Denoque"[10]. Todos tinham filhos e foi aparecendo [mais] crianças, daí faltou professora. Então fui convidada para ocupar uma vaga. Fiquei muito feliz com o convite, porque desde que eu estudava eu ensinava os alunos que não sabiam ler. Dei a notícia pra meus familiares eles acharam muito bom e mim incentivou para ser mesmo professora.

---

[10] A colaboradora refere-se ao DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas).

Para ser professora eles exigia que tivesse a 4ª série e fizesse cursos, e foi o que eu fiz. Quem me convidou foi mesmo as colegas, as professoras daquele tempo, e o prefeito da época que era doutor Oscar Caetano Júnior. As pessoas enxergavam a profissão de professora uma profissão muito valiosa. Quando eu recebi o convite e fui dar as minhas primeiras aulas foi num salãozinho muito estreitinho e era muitos alunos. Nessa época eu dei aula para a 1ª e 2ª série, todos juntos.

Os alunos eram os filhos de Icaraí e também de Bebedouro. Depois também eu dei aula para a 3ª serie e continuei. Dei também para o prezim de 5 anos. Dei aula para turma da 3ª série até o fim, até aposentei, dando aula. As aulas de matemática eu dava pelo livro, era as quatro operações, era fração, problemas, numerais e muitas outras que eu não me lembro bem.

Durante esse processo de ser professora teve muita coisa boa. Meus alunos eram maravilhosos! Eu gostava muito deles e eles de mim. Só que teve uma época que tinha um aluno que ele era muito baguncento! Ele ia nas carteiras de todo mundo, ficava fazendo gracinha e não deixava os meninos aprender. Quando foi um dia eu falei para os meninos “olha, aqui ninguém vai dar confiança para esse menino, vai fazer de conta que ele não está na sala”. Assim os alunos fizeram. Quando ele ia caçar brincadeira com eles, não davam confiança. Foi uma coisa muito boa porque a partir daquele instante aquele aluno se tornou um aluno estudioso, (choro) quando a gente fazia passeio com os alunos ele mesmo era um que ajudava olhar os menores. Foi muito significante para mim e para os alunos também.

O Grupo Escolar foi muito importante porque deu acesso as crianças que não podia sair pra fora de continuar os seus estudos. Naquela época Genaro foi muito esforçado, ele com a comunidade, todos nós professor, criou a 5ª série. Aí da 5ª série foi vindo a 6ª, a 7ª e 8ª série até veio o estudo do 2º grau. A escola já foi Escola Rural, Escola Combinadas, Escola Reunidas e agora Escola Estadual. Cada uma foi modificando, uma didática diferente, professores formados.

Ser professora de um Grupo Escolar é ser carismático, dar valor no trabalho, ser carinhosa e autoritária. Hoje vejo muitos dos meus alunos sendo professor, diretor, diretora, e outras profissões. Me sinto muito valorizada, começaram comigo e continuaram os estudos. Até me sinto muito importante na vida deles.

Pesquisadora: Dona Nazinha, muito obrigada por colaborar com essa pesquisa e por dividir, compartilhar com a gente essa experiência de ser professora. Obrigada!

Colaboradora: Obrigada!

4.4. Rita Rosa Magalhães[11]

Colaboradora: Nasci em Riacho Grande, Ubaí. Meus pais vieram morar em Icaraí eu estava com 4 anos de idade. A minha infância foi bem pobre, na época meus pais não tinha boa condições. Apesar de tantas dificuldades, o meu pai foi o primeiro a construir casas, engenho, carro de boi e tornou-se um grande marceneiro na nossa região. Nunca deixou-nos sem o pão de cada dia. A minha mãe partilhava [alimento] com aqueles que menos podia, nunca negou ninguém um pouco daquilo que a gente tinha, sempre ela partilhava com os outros. Não tínhamos brinquedos, eram pouquíssimos, bonecas de pano, sabugo, brincávamos muito fazendo batizados das bonecas, cozinhados embaixo de árvores, rezávamos na capela bem pequena [onde tinha] missa uma vez por ano. Fazíamos novena dos Santos de devoção, nas casas [das famílias], novenas para chover e etc.

Na adolescência trabalhamos em casa ajudando a mãe nos trabalhos domésticos. Eu como a mais velha coloquei uma ordem, sempre tive esse perfil de liderança, escrevia no jornal com uma pena que molhava no vidro de tinta azul cada dia da semana e pregava na cozinha. Éramos muitas irmãs na época, uma lavava pratos, outra limpava a casa, outra arrumava e assim por diante. Trabalhávamos ainda nas roças, no engenho, oficinas de farinha, lavagem de roupas, catas de algodão, socas de arroz com casca, café e etc. E todos iam para a Escola Municipal José Bernardino.

Morei sempre nessa cidade. Antes era muito difícil, era trabalho muito pesado para adquirir alguma coisinha. Muitos buracos nas ruas do lugarejo, que quase não tinha rua. Mais tarde foi agrupando casas, formando ruas, a igrejinha no centro um pouco mais embaixo [do local onde ela esta hoje] e tudo era uma fazenda do fundador José Bernardino. Ainda existe a casa no mesmo local, foi reformada, onde mora hoje o bisneto do José Bernardino.

---

[11] A entrevista com a colaboradora Rita Rosa Magalhães, alcunha de Ritinha, foi realizada em 03/01/2020

Frequentei a Escola Municipal de Tiririca, depois com o nome de Sucupira e depois então que foi a Escola Singular, depois Escolas Reunidas e ainda Estadual José Bernardino de Icaraí de Minas. Por 6 anos estudei nessas escolas, eram muito pobres: faltava merenda, escolar, material era vindo de São Francisco, levava dois dias para ir à cavalo, eram dois dias pra ir e pra voltar. A Escola era um salãozinho com alguns bancos, um quadro, paredes de adobo feito mesmo na região, nem tijolos não havia, telhados comuns feitos na própria região, pôs o mais simples da época.

Juventina Carvalho Brandão foi a minha primeira professora. Muito humilde e paciente, catequizava os alunos para a Primeira Eucaristia, como foi no meu caso. A segunda professora, Terezinha Brandão, foi quando havia um dia na escola o dia de “argumento”. As quintas-feira argumento da tabuada. Iam à frente alunos de dois em dois que respondia a tabuada. O que respondia certo a tabuada a professora determinava o número de palmadas na mão para o aluno bater no outro que errou! Chamava na época “bolos”, né? Palmadas na mão com a palmatória de madeira com um buraco no meio. Isso deixava a gente bastante triste. Na época a gente achava, não sabia nem assim se era certo, mas hoje pra gente, eu acho que é muito injusto isso, né? Isso não é certo. Não, não é uma coisa certa!

Uma coisa me atraía e nunca me esqueci é de sempre ir uniformizada para a escola e a sacolinha feita pela mãe com o babadinho guardava a merenda e a tristeza daqueles que nada tinha para levar (choro/emoção), era preciso partilhar, até que começou a ter merenda nas escolas. Havia o recreio onde a gente descansava um pouco, aqueles que podiam merendava. Outra coisa que muito me chamava atenção é que era cantado o Hino Nacional, hasteava a bandeira e cantava o hino nacional antes de começar as aulas.

Os meus pais lutavam para estudarmos, só fiz aqui [em Icaraí] até a 3ª série. Com 14 anos fui para a cidade de Brasília de Minas onde fiquei dois anos e estudei para concluir a 4ª série. Essa escola era bem diferente, um Grupo Escolar bem estruturado, mais confortado para estudar, merenda escolar, professores mais instruídos, colegas que até ajudavam e acolhia bem. Fiquei com uma tia e lá [na casa dela] morava um professor que muito me ajudou a estudar matemática, com muito amor. Nem todos os pais deixavam os filhos irem para longe para estudar, para buscar mais ensinamentos. A maioria aqui [em Icaraí] também não tinha condições de estudar. Meus pais eram analfabetos, conheci várias tias e todos eram

analfabetos.

Mais aí a minha cidade mudou. Aos poucos foi construída escolas, foi aperfeiçoando professores que faziam cursos, a escola foi crescendo, ruas foram sendo aterradas e foi aparecendo mais professores. Hoje tem Escola Estadual com construções grandes, muitos banheiros, salas enormes, galpão, quadra para Educação Física, ruas asfaltadas, prefeitura, delegacia, Câmara Municipal, Bancos: Credinor, Bradesco e correio e etc.

Aí quando fiz a 4ª série fui dar aulas em uma pequena comunidade com outra professora da cidade de São Romão. Na época os políticos acharam que eu desempenharia bem o papel de regente de uma sala.

Na época ser professora, para o povo, era chique demais! Logo comecei só com a 4ª série (risos), foi surgindo cursos de formação para professores leigos e não perdia nenhuma oportunidade. Cheguei até estudar em casa com apostilas e fazer provas na cidade de Januária, onde está localizada a Delegacia Regional de Ensino. Fiz o curso! Fazia o curso ginásio na época, me lembro que fui aprovada em Português, Estudos Sociais e fiquei devendo só Ciências e Matemática.

Também quero relatar o nome da escola onde eu fui trabalhar pela primeira vez, Escola Municipal Plácido Nobre, localizada na comunidade de Morrinhos do Bom Jesus. No começo [trabalhei] com o 1º ano, vamos dizer 1ª série, ensinando com cartilhas escritas, com o nome da escola, da professora, continhas usando material próprio da natureza, no recreio brincava com os alunos. Havia uns cantos de roda, brincadeiras e a gente tinha sempre aquela preocupação de estar ao redor dos alunos, observando para não acontecer que um batesse no outro, que alguém caísse ou machucasse, pelo menos eu tinha esse cuidado todo com as crianças.

Havia alunos de toda natureza, uns bons, outros difícil de ser trabalhado, mas com a força de Deus ia ajeitando aos poucos, eram muitos queridos e amados por mim. Nunca esqueço daquele convívio com os alunos na escola. Apesar de [ter sido um tempo] difícil pra gente trabalhar, a gente sentia bem realizado passando alguns ensinamentos pra aqueles que nada sabia. Fazia a abertura da aula com aula de Religião, ensinava os meninos conhecimentos morais, as coisas que a gente deve saber, os primeiros ensinamentos cristãos. Em um certo ano cheguei a passar 20 ou 21 alunos da 1ª serie, sem o pré escolar, para a 2ª série.

Havia um pequeno quadro, giz, livros, era necessário fazer uma viagem de

3 dias para conseguir esses materiais. Dormia na casa de meus pais, no outro dia viajava pra São Francisco e em seguida no outro dia voltava pra cá [Icaraí] de volta. Tinha vez que ficava quase uma semana pra chegar em Morrinhos. De Morrinhos a São Francisco à cavalo era muito longe!

As minhas aulas eram planejadas. Sobre isso eu fui muito cuidadosa, né? Fui aperfeiçoando e antes é de saber muito ia tomando ideias com quem era mais instruído, antes de eu fazer curso de treinamento. No início foi muito difícil, mas com o tempo as coisas foram mudando, me lembro que ensinava contar sempre com materiais vindo da Secretaria, como cartilhas para leituras, aprender mensagem de leitura. Em matemática começava contando de 1 à 10 no quadro, fazia desenhos, também usava pedrinhas, sementes, cartazes e etc. Matemáticas usávamos problemas, sempre achava que ajudava os alunos a pensar mais. Continhas para ser resolvidas, ajudando sempre somar, diminuir multiplicar e dividir. Sempre tudo anotado no planejamento que era feitos em cadernos, registrados em caderno.

Naquela época os alunos, alguns não obedeciam eram rebeldes e que não queriam estudar, dava trabalho para os pais o ano inteiro e só no próximo ano voltavam. Mas outros a gente via que já tinha algum interesse. Tinha muitos que eram interessados, e foi muito difícil quando precisava de trabalhar com salas mistas: 1ª, 2ª e 3ª séries juntas, num só quadro, tinha que dividir o quadro passava exercícios para a 2ª e 3ª séries e enquanto faziam tinha que escrever nos caderno para a 1ª série ou inventar outra atividade que não atrapalhasse (risos) os outros que resolvia seus exercícios.

Com tudo isso amava a minha profissão em saber que tava tentando um futuro melhor para eles. Cheguei a trabalhar um ano sem receber. Esse ano exatamente esse ano foi que eu esforcei muito pra atender a comunidade, que só tinha essa escolinha lá e só eu como professora. Além de ensinar os alunos de 1ª a 3ª série eu trabalhava à noite com o MOBRAL[12], alfabetizei muitas pessoas que até hoje, ah eu nem lembro mais daquela pessoa e (risos) pra aparece falando “eu

[12] Movimento Brasileiro de Alfabetização. O MOBRAL foi um modelo educação de alfabetização de jovens e adultos objetivando que aprendessem a ler, escrever e calcular. Foi autorizado como fundação pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967. Disponível em: < https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-brasileiro-de-alfabetizacao-mobral >. Acesso em: 14 nov. 2020.

estudei com a senhora em tal lugar" (risos/emoção). É muito gratificante isso. Cheguei a trabalhar nessa comunidade 1 ano sem o salário justo. Então o prefeito pagou 500 Cruzeiros, não lembro mais, eu sei que era 500 e aí ficou por isso mesmo, né? O prefeito falou que era uma gratificação.

Vejo hoje uma grande mudança. Pais interessados que seus filhos estudem. Muitos jovens saíram para buscar trabalho em outras cidades como: São Paulo, Rio, BH e outros. Mas muitos hoje são formados: médicos, professores, diretores, farmácia, formados em técnico agrícola, psicólogo, nutricionista, fonoaudiólogo, administração, sistema de informática, agronomia, muitos outros né! Uma quantidade numerável de profissionais existentes hoje em nossa cidade. Muitos ainda estudando procurando se formar.

Então, recordando aqui que, quando eu fui trabalhar eu estava com 17 anos e os meus pais foram bem compreendidos nesse ponto. Eu lembro que o meu pai me levou pra essa escola em uma fazenda, num era nem (risos) no povoado, era numa fazenda de um fazendeiro lá [em Morrinhos], só tinha ele e a mulher. Já era um casal de idosos. Eu era bem comportada, num saía, era um trajeto bem longe mas eu só ia acompanhada com os netos e bisnetos desse casal. Inclusive tinha umas mocinhas que se tornou muito amiga, a gente ia sempre pra escola na companhia dessas meninas (risos), naquela época eu num saía muito. Então num era difícil quando era pra vir aqui [em Icaraí] eu vinha acompanhada de um aluno que lá também não tinha é como eles vim me trazer.

O meu pai deixou um cavalo lá na fazenda, um cavalo muito bom, chamava até Retrato de Moça eu lembro disso como hoje. No dia que eu tinha que ir pra São Francisco tinha que arranjar uma pessoa responsável, um homem. Não era só eu, tinha outras professoras de outras escolas, que se juntava aqui pra ir pra São Francisco. Geralmente era o marido de uma daquelas professoras ou uma pessoa certa que levava a gente e pra tomar conta dos animais, colocar em uma manga, pegar de novo, tinha toda essa trabalheira (risos).

Pesquisadora: Então era pensado um dia pra todo mundo ir?

Colaboradora: Era! Tinha que formar o grupo, o trem era complicado porque não tinha um telefone na época, era combinado por carta, era muito difícil não era fácil! Mas cê vê que (risos) a mudança hoje, eu nem falei no transporte. Eu me lembro que depois do cavalo, quando eu já passei pra trabalhar aqui, o primeiro

transporte foi uma toiota, o primeiro carrim que rodou aqui. Ia assim pinhado igual milho no paiol (risos), aí depois foi que surgiu uma kombi, pôs uma kombi na linha que era de Antonio Sérvulo, bisneto do José Bernardino. Aí então foi melhorando assim aos poucos, pôs um ônibus na linha, era aqueles jipão que só aqueles fazendeiros que tinha aqueles jipe, seco, duro, que a gente só faltava (risos) ai Deus!

Pesquisadora: A senhora recorda que ano que a senhora veio para trabalhar no Grupo Escolar daqui de Icaraí? Aqui dentro mesmo na sede?

Colaboradora: Aqui dentro mesmo da sede eu acho que foi em 1967,1968 por aí. Hoje sou aposentada, desde 1994, 73 anos, uma família numerosa de marido, irmãos, amigos, parentes, filhos, genros, nora netos, tios... Apesar das enfermidades ainda tenho sonhos e forças para lutar por dias melhores. Enquanto houver esperança haverá força para lutar, são os meus lemas: lutar sempre e desistir jamais. Rita Rosa Magalhães.

4.5. Recortes de características do Grupo Escolar

"A minha vida como estudante foi muito valiosa porque foi no Grupo Escolar que aprendi." (Dona Nazinha)

"O Grupo Escolar foi muito importante porque deu acesso as crianças que não podia sair pra fora de continuar os seus estudos." (Dona Nazinha)

"Uma coisa me atraía e nunca me esqueci é de sempre ir uniformizada para a escola [...] Outra coisa que muito me chamava atenção é que era cantado o Hino Nacional, hasteava a bandeira e cantava o hino nacional antes de começar as aulas." (Dona Ritinha)

"O Grupo escolar era diferente, tinha aulas de Ensino Religioso, de Matemática, aula de Português, Ciências, aula de Estudos Sociais. Todas essas aulas eram dadas por uma professora só." (Dona Nazinha)

"A escola já foi Escola Rural, Escola Combinadas, Escola Reunidas e agora Escola Estadual. Cada uma foi modificando, uma didática diferente, professores formados."

(Dona Nazinha)

“Fazia a abertura da aula com aula de Religião, ensinava os meninos conhecimentos morais, as coisas que a gente deve saber, os primeiros ensinamentos cristãos.” (Dona Ritinha)

“Mas eu acho que o [princípio] de tudo foi a escola. Quando começou a preparar a juventude e a criança pra aquelas mudanças que realmente ocorreram com o tempo.” (João Naves)

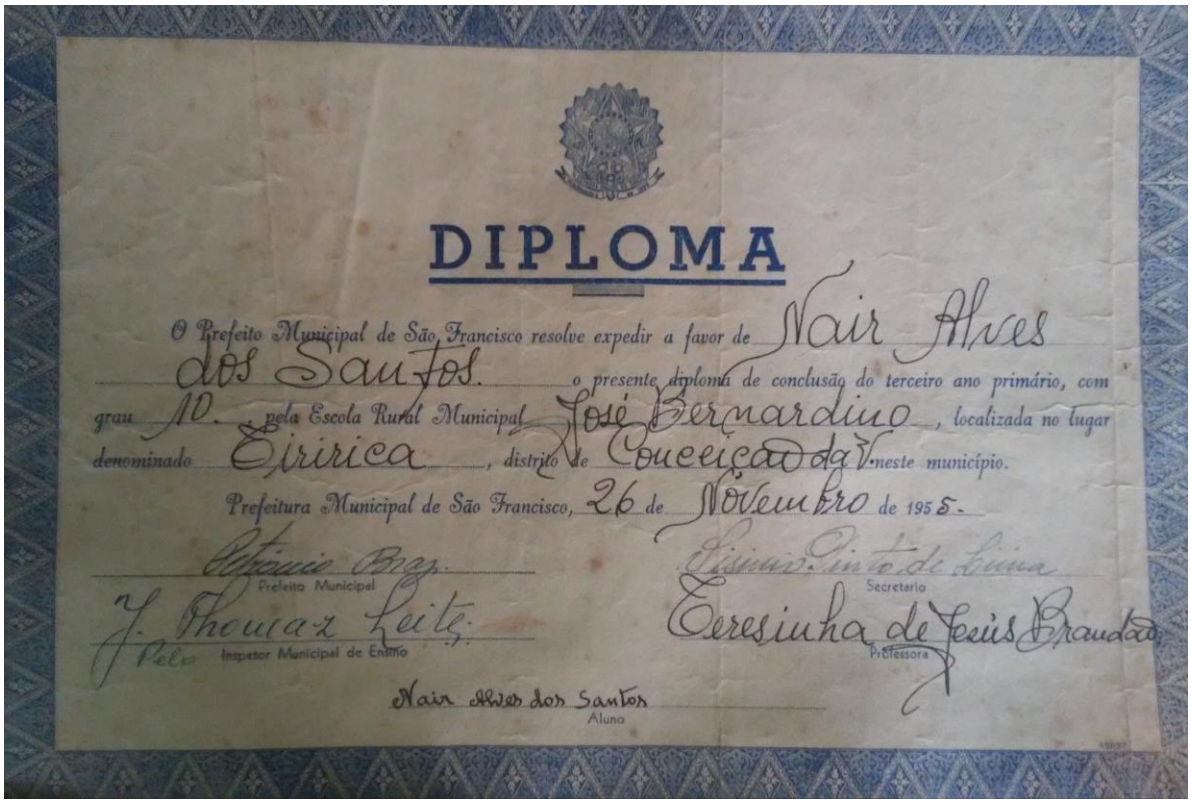
“A profissão de professor, como você bem sabe, não é uma profissão que o povo enxerga com o devido valor que é, porque todas as pessoas que se especializou ele passou pela escola, alguém lutou.” (Genaro)

“Ser professora de um Grupo Escolar é ser carismático, dar valor no trabalho, ser carinhosa e autoritária. Hoje vejo muitos dos meus alunos sendo professor, diretor, diretora, e outras profissões. Me sinto muito valorizada, começaram comigo e continuaram os estudos. Até me sinto muito importante na vida deles.” (Dona Nazinha)

4.6. Outros achados da pesquisa

Nair Alves dos Santos é moradora do município de Icaraí de Minas (MG). Ao tomar conhecimento da pesquisa, me procurou e manifestou o seu desejo em colaborar com algo para o estudo. Quando a cidade ainda era distrito do município de São Francisco (MG), ela morava em um local nos entornos da sede do distrito Conceição da Vargem. Relata que, a partir da procura de um vereador morador para que ela desse aula em sua residência, no lugarejo em que residia, no ano do diploma a sua família permitiu que ela viesse morar em casa de uma família conhecida de seus pais, na sede do distrito para cursar o terceiro ano primário. Relata ainda que ano seguinte ela retornou para a casa de seus pais onde começou a dar aulas para moradores próximos. Dada a ausência de fonte documental da escola para este período do estudo desta pesquisa, pelo seu diploma é possível acompanhar uma das nomenclaturas que foram atribuídas à escola.

Figura 5 - Diploma de conclusão do Terceiro ano Primario de Nair Alves dos Santos, moradora da área rural do Distrito Conceição da Vargem.



DIPLOMA

O Prefeito Municipal de São Francisco resolve expedir a favor de Nair Alves dos Santos. o presente diploma de conclusão do terceiro ano primário, com grau 10. pela Escola Rural Municipal José Bernardino, localizada no lugar denominado Eririca, distrito de Conceição da V. neste município.

Prefeitura Municipal de São Francisco, 26 de Novembro de 1955.

Prefeito Municipal

Secretario

Pelo Inspetor Municipal de Ensino

Professora

Nair Alves dos Santos
Aluno

Fonte documental: Arquivo pessoal Nair Alves dos Santos.
Foto: Produzida pela pesquisadora

Nos guardados da família da pesquisadora, encontramos um “caderninho” esquecido, do qual nos valemos para indiciar que, apesar do fim da política educacional dos Grupos Escolares, alguns de seus métodos perpetuaram em vários anos seguintes nas práticas da escola e de seus professores. Nesse sentido, apresentamos que, na década de 1970, ainda era obrigatório ter um caderno separado para avaliação, que era aplicada semanalmente. Além disso, foi encontrada uma foto de um desfile cívico, um evento característico dos grupos escolares.

Figura 7 - Caderno de Avaliação, pag.1/4.

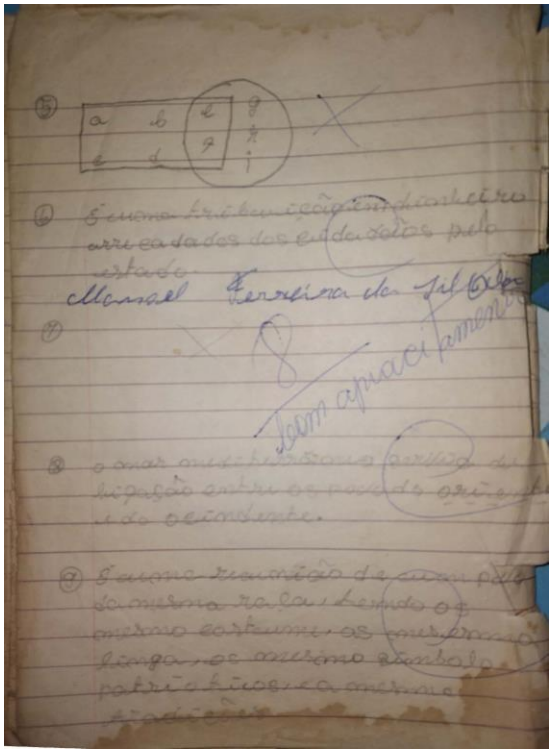
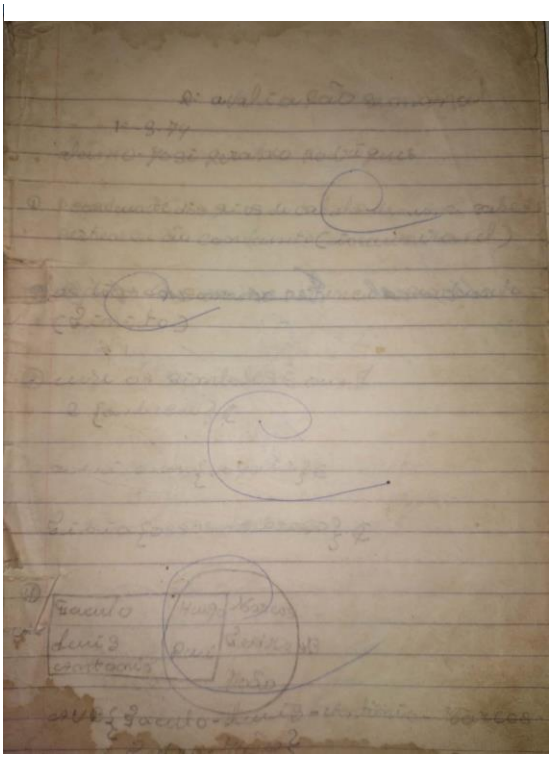
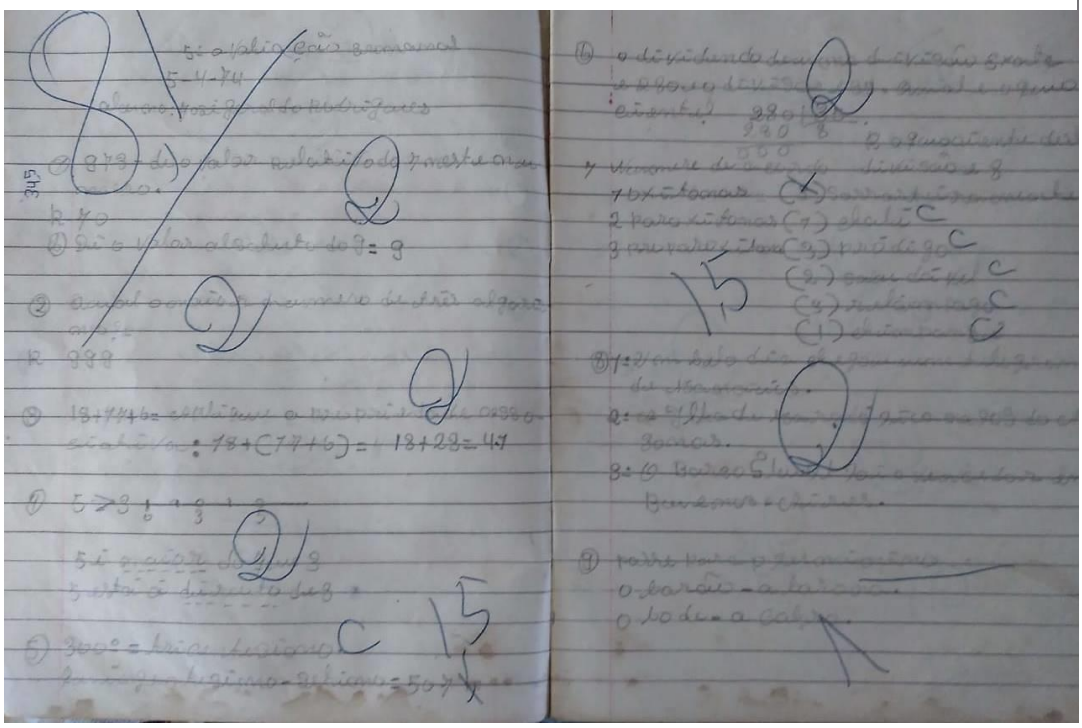


Figura 6 - Caderno de Avaliação, pag.2/4.



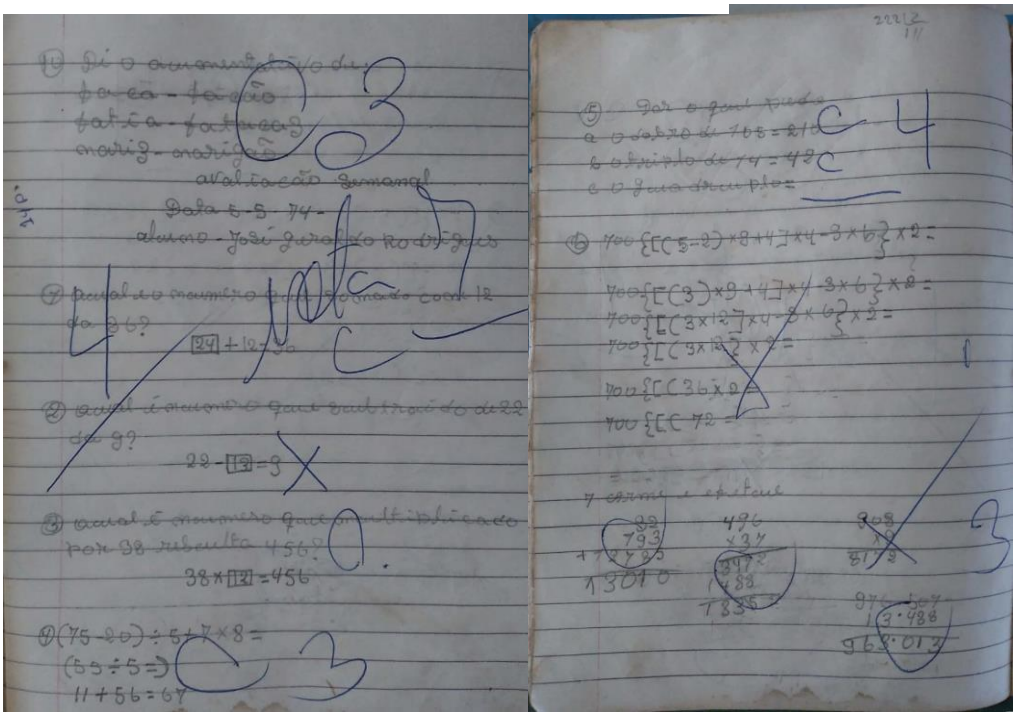
Fonte documental: Arquivo pessoal da família da pesquisadora.
Foto: Produzida pela pesquisadora

Figura 8 - Caderno de Avaliação, pag.3/4.



Fonte documental: Arquivo pessoal da família da pesquisadora.
Foto: Produzida pela pesquisadora

Figura 9 - Caderno de Avaliação, pag.4/4.



Fonte documental: Arquivo pessoal da família da pesquisadora.
Foto: Produzida pela pesquisadora

Figura 10 - Desfile Cívico na década de 1970

Fonte: Álbum de família da pesquisadora.

No caderno de Planos de Aula da professora Dona Nazinha, cedido gentilmente pela colaboradora, a partir das aulas datadas em 11 e 12 de março e 14 de abril do ano 1987, na disciplina de *Integração Social*, consta um breve registro sobre aspectos geográficos de quando o distrito pertencia ao município de São Francisco (MG), como segue:

Figura 11 - Limite geográfico do Distrito Conceição da Vargem

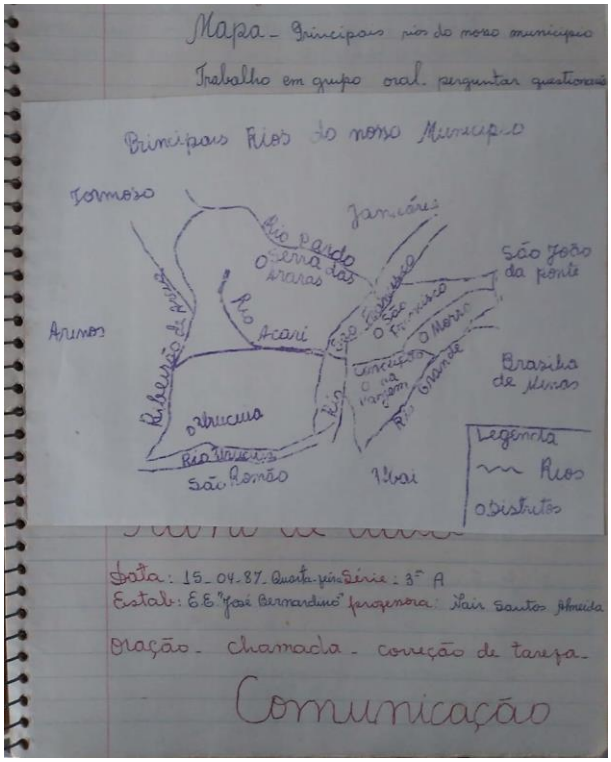
Fonte documental: Arquivo pessoal Nair Alves dos Santos.
Foto: Produzida pela pesquisadora

O nosso município, à época, era São Francisco, dividido em cinco regiões chamadas de Distritos, sendo eles: Distrito do Morro, Distrito de Conceição da Vargem, Distrito de Urucuia, Distrito de Serra das Araras e a sede do Município. A sede do nosso Distrito Conceição da Vargem é o município de São Francisco. Cada Distrito tem sua sede, denominadas Vilas, que são pequenas “cidades”. Assim temos: 1) Vila do Morro, sua sede é o Distrito do Morro; 2) Vila de Logradouro, sua sede é o Distrito Conceição da Vargem; 3) Vila de Serra das Araras, sua sede é o Distrito Serra das Araras; e 4) todos os Distritos da cidade, sua sede é São Francisco.

Os principais rios de nosso município também são tratados em atividades do caderno de Planos de Aula da professora Dona Nazinha. No material, vemos a referência a trabalho em grupo oral e perguntas em questionários, evidenciando

práticas do grupo escolar.

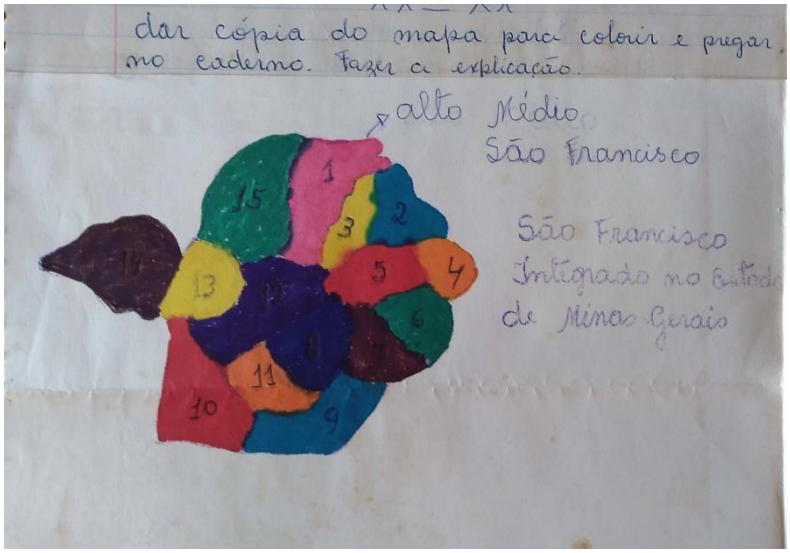
Figura 12 - Principais rios quando o território ainda pertencia ao municipio de São Francisco (MG)



Fonte documental: Arquivo pessoal Nair Alves dos Santos.
Foto: Produzida pela pesquisadora

Há também a localização do município de São Francisco em relação ao estado de Minas Gerais, sendo localizado na zona Alto Médio São Francisco, conforme ilustra o mapa a seguir:

Figura 13 - Localização do Distrito em Minas Gerais



Fonte documental: Arquivo pessoal Nair Alves dos Santos.
Foto: Produzida pela pesquisadora

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: OBSERVANDO ESTE MOMENTO NO MEU PROCESSO FORMATIVO

> *Na época ser professora, para o povo, era chique demais! Logo comecei só com a 4ª série (risos), foi surgindo cursos de formação para professores leigos e não perdia nenhuma oportunidade. Cheguei até estudar em casa com apostilas e fazer provas na cidade de Januária, onde está localizada a Delegacia Regional de Ensino. Fiz o curso! Fazia o curso ginásio na época, me lembro que fui aprovada em Português, Estudos Sociais e fiquei devendo só Ciências e Matemática.* (Dona Ritinha)

Mobilizando documentos escritos e, especialmente, orais, este estudo possibilitou construir narrativas sobre o grupo escolar, em um tempo no qual a maioria das famílias não podiam garantir aos seus filhos o acesso à escola. Foi possível identificar algumas das práticas pedagógicas adotadas no Grupo Escolar, particularmente aquelas ligadas ao ensino de Matemática e nas funções de *ser professora*.

A maioria das famílias que ali viviam não tinha condições de enviar seus filhos para estudar em escolas da cidade. A partir da política educacional dos Grupos Escolares, percebemos que, ainda que carregados de motivos políticos, a escola chega em lugares mais remotos, como aconteceu no extinto distrito Conceição da Vargem, à época pertencente ao município de São Francisco (MG).

Nesses lugares, os fazendeiros, coronéis, “criavam” uma escola. Em geral, as meninas que tiveram acesso à escola em outros locais, ao retornarem para este interior, eram convidadas a exercer a função de professoras. Percebemos isso em um trecho da narrativa do colaborador João Naves ao narrar:

> *Muitos desses meninos quando formavam continuavam estudando, outros voltavam pra casa, até porque o lema da escola era transformar o meio através da criança. E isso funcionou com quem? Com as meninas, porque passaram a ser as professoras nos lugares onde não tinha escola. [...] Aquele [fazendeiro] mais esclarecido, ele pensavam o seguinte: eu tenho que trazer uma escola pra aqui pra instruir meus filhos, dos meus outros agregados e tudo.Então muitos fazendeiros fizeram isso: mandavam os meninos, eles estudavam, voltavam e criavam uma escola. Isso aconteceu aqui nessa região do Serra das Araras, Urucuia, aconteceu no Morro e em Conceição da Vargem.* (João Naves)

Esse discurso está em conformidade com a narrativa das professoras. Dona

Ritinha diz o seguinte, ao narrar sobre quando se tornou professora:

> *Aí quando fiz a 4ª série fui dar aulas em uma pequena comunidade com outra professora da cidade de São Romão. Na época os políticos acharam que eu desempenharia bem o papel de regente de uma sala.* (Dona Ritinha)

No relato de Dona Nazinha, temos:

> *Para ser professora eles exigia que tivesse a 4ª série e fizesse cursos, e foi o que eu fiz. Quem me convidou foi mesmo as colegas, as professoras daquele tempo, e o prefeito da época que era doutor Oscar Caetano Júnior.* (Dona Nazinha)

Pelas falas de nossos colaboradores, temos indícios de que, com o passar dos anos, essas escolas iam se consolidando, tornando necessário que essas professoras atuantes agregassem novos momentos de formação para atuação. A colaboradora Dona Nazinha, por exemplo, traz documentos que atestam sua participação em cursos de formação da época. Segundo narrado pela colaboradora, ao ter concluído o Curso Primário começou a atuar como professora. Assim, o certificado abaixo é, naquele período, um documento que lhe autorizava à docência.

Figura 14 - Certificado de aprovação no curso primário da Colaboradora Nair (Nazinha).

ESTADO DE MINAS GERAIS

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO NO CURSO PRIMÁRIO

Certifico que Nair Alves dos Santos nascida em 5 de setembro de 1942, filha de Mariano Francisco dos Santos e Josefa Alves da Rocha, concluiu o curso primário nº ____ sendo aprovada nos exames do 4º ano, com média 9 (nove), conforme consta da ata assinada em 4 de dezembro de 1966

EE RK "Rafael Riego" Ubai, 4 de dezembro de 1965

O ALUNO: Nair Alves dos Santos

O DIRETOR: Adolpho Campanti Ferreira

VISTO: Nair Santos Moreira

O PROFESSOR: Maria Ferreira Almeida

Fonte documental: Arquivo pessoal da Colaboradora Dona Nazinha.
Foto: produzida pela pesquisadora.

Outros documentos cedidos por Dona Nazinha mostram sua participação em cursos específicos para professores de comunidades rurais, como o “Curso Intensivo

de Férias para Professores Rurais”, realizado em 1963, e um “Curso de Férias”, realizado em 1967, no qual há a descrição “professora rural”. Acreditamos que tais ações podem ter relação com a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), iniciada 1952, no governo de Getúlio Vargas, e oficializada em 1956, na gestão de Juscelino Kubitschek, sendo extinta em 1963. Segundo Barreiro (2006, p. 124), um dos objetivos da campanha era “adequar os camponeses ao novo modelo de desenvolvimento para torná-los cidadãos e ‘elevar seus padrões culturais’, concebidos pelo programa como atrasados e inferiores do ponto de vista cultural.” Ainda segundo o autor, era comum a ideia de que os moradores de regiões rurais deveriam modernizar-se para se integrarem ao plano nacional de desenvolvimento da época, de caráter urbano e industrial.

Figura 15 - Certificado de Curso para "professores rurais" _1/2

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO
SÃO FRANCISCO — MINAS GERAIS

INSPETORIA ESCOLAR MUNICIPAL

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

CERTIFICO que Nair Alves dos Santos candidato inscrito sob nº 77, ao Curso Intensivo de Férias para Professôras Rurais, promovido pela Inspetoria Escolar Municipal, no período de 15 de Janeiro a 15 de fevereiro do corrente ano, obteve o seguinte resultado escolar:

FREQUÊNCIA 24 dias

MÉDIA DE APROVEITAMENTO cinco (5)

São Francisco, 21 de fevereiro de 1.963.

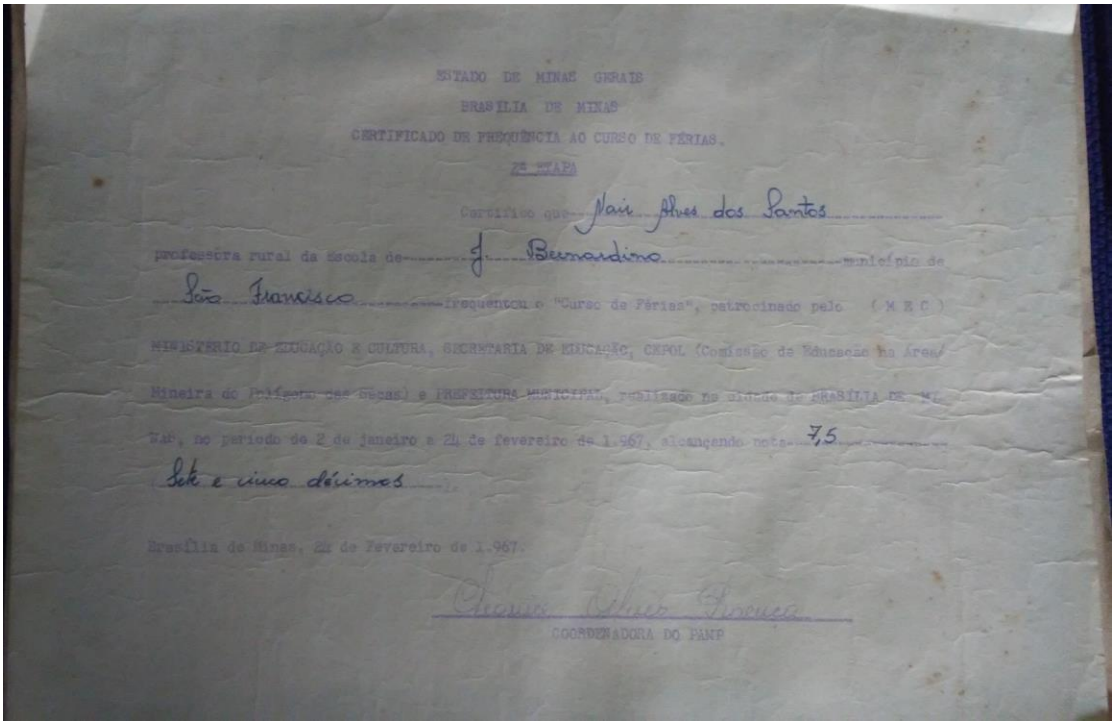
Orientadora do Curso: Marlene Gurito Pamba
Inspetora Escolar Municipal

Professôras do Curso: Dinca Maria Guimarães, Gerezinha Rodrigues Barreiro, Maria da Conceição Barreiro

VISTO: Pedro Manuel de Moraes
Prefeito Municipal

Fonte documental: Arquivo pessoal da Colaboradora Dona Nazinha.
Foto: Produzida pela pesquisadora.

Figura 16 - Certificado de Curso para "professores rurais" _2/2 .



ESTADO DE MINAS GERAIS
BRASÍLIA DE MINAS
CERTIFICADO DE FREQUÊNCIA AO CURSO DE FÉRIAS.
2ª ETAPA

Certifico que Nair Alves dos Santos
professora rural da Escola de J. Bernardino município de
São Francisco frequentou o "Curso de Férias", patrocinado pelo (M E C)
MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CEPOL (Comissão de Educação na Área
Mineira do Polígono das Secas) e PREFEITURA MUNICIPAL, realizado na cidade de BRASÍLIA DE MI-
NAS, no período de 2 de janeiro a 24 de fevereiro de 1.967, alcançando nota 7,5
Sete e cinco décimos.

Brasília de Minas, 24 de Fevereiro de 1.967.

COORDENADORA DO PANP

Fonte documental: Arquivo pessoal da Colaboradora Dona Nazinha.
Foto: Produzida pela pesquisadora.

No que diz respeito às práticas de ensinar e aprender matemática, devido à falta de acesso à escola, os processos iniciais de contagem e operações eram desenvolvidos em casa, pelos pais que tinham suas maneiras próprias de calcular e, assim, ensinavam aos filhos cálculos “simples”, operações que ajudavam em situações práticas do dia-a-dia, na lida do trabalho.

O colaborador Genaro nos narra que: *“A aula de matemática, que geralmente era aritmética pura, era só os números, não tinha matemática moderna”* (Genaro). A fala de Genaro ajuda a compreender que as práticas de ensino de matemática existentes no grupo escolar eram diferentes daquelas que surgiriam com o Movimento da Matemática Moderna.

Percebemos que, apesar do sucateamento da escola em termos de estrutura e de materiais para suporte didático, essas professoras mobilizavam diferentes recursos que auxiliavam suas aulas. Nas aulas de Matemática, para o desenvolvimento de certas atividades, eram usados recursos da natureza, conforme nos conta a colaboradora Dona Ritinha:

> *Em matemática começava contando de 1 à 10 no quadro, fazia desenhos, também usava pedrinhas, sementes, cartazes e etc. Matemáticas usávamos problemas, sempre achava que ajudava os alunos a pensar mais. Continhas para ser resolvidas, ajudando sempre somar, diminuir multiplicar e dividir. Sempre tudo anotado no planejamento que era feitos em cadernos, registrados em caderno.* (Dona Ritinha)

Há, ainda, o relato do uso de cartilhas, um dos poucos materiais que chegavam ao Grupo Escolar:

> *No começo [trabalhei] com o 1º ano, vamos dizer 1ª série, ensinando com cartilhas escritas, com o nome da escola, da professora, continhas usando material próprio da natureza, no recreio brincava com os alunos.* (Dona Ritinha)

As narrativas indicam, ainda, que o uso de castigos físicos, como a palmatória, era recorrente em sala para punir indisciplinas e "erros" na aprendizagem, particularmente nas aulas de Matemática. Percebe-se que esses momentos geravam tensões entre os alunos e, também, na própria professora. Essa situação com certeza deixou marcas nas memórias dos nossos colaboradores, como relatado por Genaro: "Na tabuada eu batia, no português eu apanhava". A colaboradora Dona Ritinha nos diz que,

> *A segunda professora, Terezinha Brandão, foi quando havia um dia na escola o dia de "argumento". Às quintas-feiras argumento da tabuada. Iam à frente alunos de dois em dois que respondia a tabuada. O que respondia certo a tabuada a professora determinava o número de palmadas na mão para o aluno bater no outro que errou! Chamava na época "bolos", né? Palmadas na mão com a palmatória de madeira com um buraco no meio. Isso deixava a gente bastante triste.* (Dona Ritinha)

A colaboradora Dona Nazinha, nesse sentido, nos narra que:

> *As aulas de Matemática os conteúdos era Problemas, as Quatro Operações, era Fração e muitas outras coisas. [...] A professora dava assim sempre no quadro, falava "argumento" naquela época. Era época também da palmatória, quem não sabesse fazer o "argumento" ganhava "bolos".* (Dona Nazinha)

Mesmo com a chegada da escola no distrito Conceição da Vargem, tivemos indícios de que o acesso à escola não era possível para muitos moradores, visto que os filhos dessas famílias de trabalhadores agregados à sede da fazenda e de

arredores não podiam dedicar-se ao estudo, dada a necessidade de ajudar os pais nos trabalhos braçais que prestavam ao proprietário da fazenda.

A Educação do Campo nasce como uma oportunidade para o campesinato que, ao longo de sua história, teve o direito à educação negado ou dificultado de diversas formas implicadas em sistema excludente; como um caminho de novos olhares para o campo e de ocupação de espaços de discussão e de decisão sobre a educação. Nesse sentido, as narrativas dos colaboradores desta pesquisa estão carregadas de caminhos que podem nos permitir compreender a história local, a refletir sobre as dinâmicas do Grupo Escolar, as características que estão implicadas nessa política educacional, especialmente nos interiores que escapam aos grandes centros, e a tecer outras histórias que compõem o passado da educação e os processos educativos no extinto distrito de Conceição da Vargem, atual município de Icaraí de Minas.

“Eu quero uma escola do campo
Que tenha a ver com a vida com a
gente Querida e organizada
E conduzida coletivamente.

Eu quero uma escola do campo
Que não enxerga apenas
equações Que tenha como
chave mestra
O trabalho e os mutirões.

Eu quero uma escola do campo
Que não tenha cercas que não tenha
muros Onde iremos aprender
A sermos construtores do futuro. (bis).

Eu quero uma escola do
campo Onde o saber não
seja limitado Que a gente
possa ver o todo E possa
compreender os lados.

Eu quero uma escola do campo
Onde esteja o símbolo da nossa
semeia Que seja como a nossa casa
Que não seja como a casa alheia.

Eu quero uma escola do campo
Que não tenha cercas que não tenha

muros Onde iremos aprender
A sermos construtores do futuro. (bis).”

(Construtores do Futuro, Gilvan Santos)

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Carlos Souza. Os grupos escolares em Minas Gerais: a Reforma João Pinheiro (1906). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO, 2006, Uberlândia, MG. **VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação:** Programação e Resumos. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. p. 63-64.

BRAZ, Brasiliano. Vilas e Povoados: Icaraí. In: BRAZ, Brasiliano. **São Francisco nos caminhos da história**. Belo Horizonte: Editora Lemi S.A, 1977, p.333-335.

ESTATUTO SOCIAL DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE ICARAÍ
DE MINAS (MG). Aprovado em Assembleia Geral Extraordinária em 27/07/2014, vigorando a partir desta data, revogando as versões anteriores.

LAGE, Ana Cristina Pereira. **Grupo Escolar**. Disponível em: < https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_grupo_escolar.htm > Acesso em: 01 de mai. de 2019.

LEAL, Álida Angélica Alves; MARTINS, Juliana Faltz. **A arte do encontro da acolhida e da luta:** XI Jornada Pedagógica Socioterritorial do LECampo/FaE/UFMG. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2019.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti; SOUZA, Luzia Aparecida de. **Elementos da História da Educação Matemática.** São Paulo, SP: UNESP Cultura Acadêmica, 2012.

Icaraí de Minas. Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Icara%C3%AD_de_Minas#cite_note-:0-7 > Acesso em 05 mai. 2019.

OLIVEIRA, Sandra Maria de. **Legislação mineira (1906 a 1924)**: implantação e criação do Grupo Escolar. Anais Eletrônicos da II Semana de História do Pontal 26,27,28 de junho de 2013 – Ituiutaba, MG.

Prof. Fangio e Alunos da EJA 2º semestre de 2006. **Um pouco de Icaraí de Minas.** Gráfica ADM Ltda: 2007

SOUZA, Grasielly dos Santos de; ANDRADE Mirian Maria. **É de sonho e é de pó, é de memórias e é de vivencias:** uma narrativa sobre uma Casa Escolar Rural.
Disponível em: < https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/5766/7364 > Acesso em: 15 de mai. de 2020.

APÊNDICE - Roteiro para a entrevista

1) **Conte-nos um pouco sobre você:** Onde nasceu? Como foi a sua infância e sua adolescência? Você sempre morou nesta cidade? Como era a cidade e como ela foi mudando com o tempo?
2) **Conte-nos um pouco sobre sua vida escolar:** Quais escolas você frequentou? Por quanto tempo? Como eram as escolas de sua época? Como eram as estruturas? Quem eram os/as professores/as? Que lembranças positivas você tem do seu tempo de escola? E negativas, tem alguma? Como seus familiares entendiam a importância da escola?
3) **Conte-nos um pouco sobre sua vida como estudante em um Grupo Escolar:** Você frequentou algum Grupo Escolar como aluna? Como era o Grupo Escolar? Como era ser uma estudante em Grupo Escolar? Todos os seus conhecidos da mesma idade frequentavam a escola? Em que o Grupo Escolar era diferente? Como eram as suas aulas? Em quais horários? Havia intervalos, uniformes? Como era a separação dos alunos em turmas? Como eram suas aulas de matemática? Há algo que a marcou que queira nos contar?
4) **Conte-nos um pouco sobre como se tornou professora:** Quando surgiu o interesse de se tornar professora? Você teve incentivo de familiares ou de outras pessoas? O que era necessário para ser professora? Havia concursos, indicações? Como as pessoas enxergavam a profissão?
5) **Conte-nos um pouco sobre como era ser professora de um Grupo Escolar:** Você atuou em um Grupo Escolar? Qual? Como era esse Grupo Escolar? Como foi o seu ingresso como professora do Grupo Escolar? Como eram as suas aulas? Quem eram os seus alunos? Como eram as suas aulas de matemática? Vocês tinham recursos disponíveis (livros, quadro, materiais etc.)? Se sim, quais? Você poderia nos contar uma aula que foi significativa para você? Há algo que a marcou que queira nos contar? Como o Grupo Escolar mudou com o tempo? Qual a importância do Grupo Escolar na cidade sua cidade? Como você avalia o fim dos Grupos Escolares?

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Cessão de Direitos

Eu, _____ portador do RG nº. _____, declaro ceder a Amanda Rodrigues Filha, portadora do RG nº. 38.683.152-X, os direitos sobre as anotações em seu diário de campo, bem como da gravação da entrevista realizada em _____ com a duração de_____e também os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) dos referidos registros para utilização em sua pesquisa de graduação.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa e o material coletado para o estudo tornar-se-á público ao ser utilizado no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). E, neste sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida seja utilizada em parte ou integralmente como fontes para pesquisa e estudos de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto no TCC quanto em outros estudos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e outra com o participante da pesquisa.

_____,_____de_____de_____.

Local e data da Cessão

_____

Assinatura do Colaborador da pesquisa

_____

Assinatura da pesquisadora

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Título do projeto de Trabalho de Conclusão de Curso: **O campo e suas práticas de aprender e ensinar: construindo narrativas sobre o Grupo Escolar do município de Icaraí de Minas (M2G) nos entornos da década de 1960.**

Pesquisadora: **Amanda Rodrigues Filha**

Orientador: **Dr. Filipe Santos Fernandes (UFMG)**

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa que tem como objetivo principal compreender as práticas de aprender e ensinar no Grupo Escolar de Icaraí de Minas (MG) nos entornos da década de 1960, particularmente aquelas ligadas ao ensino de Matemática. A pesquisa pretende contribuir com a valorização do papel social dos moradores do município, que estiveram envolvidos com a educação escolar na década de 1960 e entornos; especificar práticas de aprender e ensinar matemática presentes no Grupo Escolar; dar visibilidade à história regional, valorizando o percurso histórico do município.

Para isso faremos uma entrevista com você objetivando compreender essa questão. As conversas serão gravadas em áudio, com a sua devida autorização, será realizada em dia, hora e local escolhido e definido por você e posteriormente será transcrita, textualizada e analisadas compondo as etapas desse estudo.

Os dados e demais informações obtidas durante a pesquisa, tais como as observações e anotações no/do caderno de campo da pesquisadora serão utilizados exclusivamente para os fins deste estudo. A pesquisadora será a única a ter acesso aos dados obtidos inicialmente e manterá o sigilo sobre os mesmos. O resultado desta pesquisa será apresentado no TCC da pesquisadora e compõe o material empírico da mesma. Neste sentido, as informações de sua identidade que serão gravadas somente serão publicadas caso você venha a assinar o termo de CESSÃO DE DIREITOS. Nos comprometemos com a guarda cuidado e utilização das informações apenas para o cumprimento dos objetivos previstos nesta pesquisa aqui referido.

A participação nesta pesquisa é voluntária e não haverá nenhum custo para

que você participe deste estudo. Você poderá pedir esclarecimentos ou desistir de participar a qualquer momento mesmo depois da assinatura deste termo de consentimento, sem nenhum ônus caso isto ocorra.

Caso deseje participar da pesquisa e estiver de acordo com os termos deste consentimento, você deverá assinar as duas vias deste documento, que deverá ser entregue a pesquisadora no dia marcado para a entrevista que será gravada em áudio. Uma das vias deste termo será arquivada pela pesquisadora e a outra será fornecida à você.

Diante do que foi exposto, solicitamos o consentimento para registrar e gravar em áudio a sua entrevista e anotações no caderno de campo da pesquisadora. O destino desses dados será a construção do TCC e os resultados deste estudo estarão à sua disposição quando finalizado.

Agradeço a sua colaboração e contribuições com este estudo.

,_____de____de_____

Local e data da entrevista

_____

Assinatura do Colaborador da pesquisa

_____

Assinatura da pesquisadora